



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

FERNANDO MANUEL MARQUES APOLINÁRIO

**A Arte, alma da Cultura e caminho de
Transcendência**

O uso da arte no ensino de EMRC

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Doutor João Norton de Matos

Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

**Lisboa
2020**

Índice

INDICE.....	3
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
SIGLAS.....	8
INTRODUÇÃO	9
I. DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	12
1. O CONTEXTO EM QUE SE DESENVOLVEU A PES.....	12
1.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DA EB 2, 3 DAMIÃO DE GOIS	13
1.2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA	21
2. EVOLUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE	25
3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A UNIDADE LECTIVA – “AS RELIGIÕES”.....	34
4. A PRÁTICA LETIVA	41
4.1. PLANIFICAÇÕES	42
4.2. CONCLUSÕES SOBRE A OPERACIONALIZAÇÃO DA UNIDADE LECTIVA	50
II. A ARTE, ALMA DA CULTURA, CAMINHO DE TRANSCENDÊNCIA.....	55
1. RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA.....	55
2. A ARTE COMO EXPRESSÃO DA CULTURA.....	64
3. O SENTIDO TEOLÓGICO E ESPIRITUAL DA ARTE CRISTÃ.....	69
3.1. A ARTE FACE AO MISTÉRIO DO VERBO ENCARNADO.....	69
3.2. O ARTISTA COMO “CONSTRUTOR” DE BELEZA	74
3.3. A ARTE E TRANSCENDÊNCIA – ÉVANGELIZAR PELA ARTE	81
III. A FUNÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO	89
1. A ARTE NO ENSINO - EDUCAR ATRAVÉS DA ARTE	89
2. A IMPORTÂNCIA DE EDUCAR PARA O SIMBÓLICO	94
3. A EMRC E A EXPRESSÃO ARTÍSTICA RELIGIOSA NA ESCOLA - PROPOSTA PEDAGÓGICA	99
3.1. ATIVIDADE 1 - PASSAPORTE DAS RELIGIÕES.....	100
3.2. ATIVIDADE 2 – PROJETO INTERDISCIPLINAR – “DEUS NÃO TEM COR - UMA VIAGEM AO MUNDO DAS RELIGIÕES”	102
CONCLUSÃO	106
BIBLIOGRAFIA	109

“A arte é uma beleza que faz bem para a vida e cria comunhão, porque une Deus, o ser humano e a Criação numa única sinfonia, porque une o passado, o presente e o futuro, porque atrai ao mesmo local e envolve no mesmo olhar pessoas diferentes e povos distantes.”¹

Papa Francisco

¹ FRANCISCO PP., *Discurso do Papa Francisco aos "patrons of the arts" dos Museus do Vaticano*, 2018, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco_20180928_patrons-museivaticani.html consultado a 10.08.2020.

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha família, por terem acreditado em mim e me terem dado força durante esta caminhada, sacrificando-se muitas vezes por mim, colocando-se em segundo plano. Revelaram amor muito grande!

Ao professor Juan Ambrósio por me ter mostrado o fascínio pela vocação docente e por todo o apoio e formação que me deu ao longo destes anos.

Ao professor João Norton, que na sua grande experiência, me foi acompanhando com muita sabedoria.

Ao professor António pelo apoio que deu e paciência constante para que o estágio decorresse de forma muito positiva.

Ao João e à Tânia por terem sido uma força constante e um apoio durante a PES e aguentarem as minhas aflições.

Aos amigos, escuteiros e colegas, que sempre me apoiaram e me apoiam na vida com amor e carinho.

Resumo

No presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada averigua-se a hipótese da arte como caminho pedagógico e didático rico e favorável à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), no âmbito de uma mediação cultural e mistagógica do cristianismo, potencializando um diálogo entre cultura e fé.

Em contexto escolar os conteúdos da fé não subsistem por si como verdades alternativas ou concordantes com as restantes áreas do saber. Torna-se, por isso, necessário criar então uma via que seja eficaz para esta transmissão. A arte, nomeadamente o património cultural, surge como uma possível via de trabalhar a dimensão religiosa no contexto escolar, mais concretamente, nos itinerários formativos de EMRC. Tendo isto presente é importante refletir no papel da arte neste processo de transmissão religiosa e cultural.

As religiões podem surgir como espaços onde as questões mais profundas do Homem são consideradas e onde se busca uma resposta. É na busca dessa resposta, que a arte desempenha um papel fundamental. A arte, como a religião, estimula e desafia a totalidade do ser humano. A arte esteve sempre intimamente ligada ao facto religioso. Arte e religião aparecem ligadas entre si, como se fossem parentes. Nesta ligação, a religião produz arte e influi na arte, e a arte desperta o sentido religioso.

A disciplina de EMRC pode ver na arte uma preciosa ajuda, tanto na sua capacidade de ser símbolo, na sua capacidade de transmitir a fé, como também na sua capacidade de interpelar e por questões no interior do coração humano para assim os encaminhar num itinerário de fé. A arte deve de ajudar a disciplina nesta missão de inquietar e pôr o Homem a caminho.

Palavras-chaves: Arte, Religião, Cultura, Educação EMRC e Transcendência.

Abstract

This Final Report on Supervised Teaching Practice investigates the hypothesis of art as a rich and favorable pedagogical and didactic path to the discipline of Catholic Moral and Religious Education (EMRC), within the scope of a cultural and mystagogical mediation of Christianity, enhancing a dialogue between culture and faith.

In a school-educational context, the contents of faith do not stand by themselves as alternative truths or in agreement with the other areas of knowledge. It is, therefore, necessary to create a route that is effective for this transmission. Art, namely cultural heritage, appears as a possible way of working on the religious dimension in the school context, more specifically, in the formative itineraries of EMRC. Bearing this in mind, it is important to reflect on the role of art in this process of religious and cultural transmission.

Religions can emerge as areas where the deepest questions of Man are considered and where an answer is sought. It is in the search for that answer that art plays a fundamental role. Art, like religion, stimulates and challenges the totality of the human being. Art has always been closely linked to the religious fact. Art and religion appear linked together, as if they were relatives. In this connection, religion produces and influences art, and art awakens the religious sense.

The EMRC discipline can see in art a valuable help, both in its ability to be a symbol, in its ability to transmit the faith, but also in its ability to challenge and for questions within the human heart to thus lead them on an itinerary of faith. Art must help discipline in this mission of disturbing and setting Man on his way.

Keywords: Art, Religion, Culture, Education, CMRE and Transcendence.

Siglas

AE	Aprendizagens Essenciais
AEDD	Agrupamento de Escolas D. Dinis
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
PES	Prática de Ensino Supervisionada
RFPEs	Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
UL	Unidade Letiva

Introdução

O Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (RFPEs) aqui apresentado é realizado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, na sua área de especialização em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). O presente estudo tem como objetivo abordar o tema da «Arte» como meio de transmissão cultural e religiosa, e para tal utilizaremos a segunda unidade letiva do programa de EMRC do 7.º ano – As Religiões –, tendo por base a prática letiva na Escola EB 2,3 Damião de Góis, por ter sido o alvo de prática supervisionada para o qual concorre este Relatório.

O nosso estudo será desenvolvido em torno da conceção do mundo artístico do ser humano, em três capítulos em que destacaremos que a arte e a transcendência também se podem encontrar na escola, no contexto da disciplina de EMRC, e na sociedade/cultura, procurando aprofundar e demonstrar os modos e os meios pelos quais a arte pode servir como mediação cultural da religião no contexto da disciplina.

Assim, num primeiro capítulo apresentaremos e analisaremos a experiência da PES, centrando-nos mais na dimensão pedagógica da experiência. Depois de apresentado o contexto geral da escola e da turma em que lecionámos durante a PES, passaremos a abordar a Unidade Letiva (UL) 2 – As Religiões, tendo em conta a importância desta UL e o seu interesse pedagógico para demonstrar o seu contributo imprescindível para o currículo dos alunos. A terminar esta parte, explicita-se o processo de gestão e as estratégias usadas nas aulas como forma de tornar patente o contributo que esta UL dá para que os alunos adquiram as competências apontadas pelo Perfil do Aluno do Século XXI. Estas “competências são combinações complexas de conhecimentos, capacidades e atitudes que permitem uma efetiva ação humana em contextos diversificados. (...) As competências são determinantes no perfil dos alunos, numa perspetiva de construção coletiva que lhes permitirá apropriarem-se da vida, nas dimensões do belo, da verdade, do bem, do justo e do sustentável, no final de 12 anos de

escolaridade obrigatória”². Neste sentido, a EMRC pode ajudar a que cada aluno cresça e desenvolva todas as dimensões de pessoa de forma harmoniosa e na sua plenitude, contribuindo com desenvolvimento e aprofundamento da dimensão religiosa da pessoa.

Num segundo capítulo evidenciaremos a relação do ser humano com a arte, nomeadamente a sua expressividade artística perante o mundo do sagrado. Faremos, para o efeito, caminho ao longo da história da arte religiosa, no sentido de evidenciar o seu carácter pedagógico-didático. Este núcleo de pesquisa no âmbito teológico constituiu o segundo capítulo do Relatório e divide-se em três partes. Na primeira, fazemos uma breve definição do que é a religião e a cultura, de forma a distingui-las e a perceber a ligação que existe entre uma e outra. De seguida passamos a olhar a arte como um dos meios de expressão da cultura, definindo o que podemos entender por arte, as suas várias teorias e conceitos e de que forma esta está ligada à cultura, tendo sempre presente as dimensões do tempo e do espaço. Conclui-se com a constatação da importância que a arte tem como caminho de transcendência. Aqui fazemos uma breve retrospectiva histórica do fenómeno da arte face ao Mistério Encarnado, isto é, a arte vista e vivida ao longo da história da Igreja, tendo sempre presente esta característica que o ser humano traz consigo de ser *Imagem de Deus*, sendo a arte a atividade humana que mais se aproxima da imitação do Deus Criador. Por último apresentamos a arte como uma via de acesso à transcendência, tendo esta a “*característica de abrir e alargar os horizontes da consciência humana, de remetê-la para além de si mesma, de aproximá-la ao abismo do Infinito, pode tornar-se um caminho para o Transcendente, para o Mistério último, para Deus*”³.

No terceiro capítulo abordaremos a relação que se pode estabelecer entre arte e escola e a sua utilização como instrumento pedagógico para a dinâmica da disciplina de EMRC. A partir da perspectiva antes referida, propomos um itinerário didático, procurando – na temática da UL2,

² MARTINS, G. O. (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, Lisboa, 2018, 12.

³ BENTO PP. XVI – *Discurso por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina*, 2009. https://www.snpcultura.org/pcm_bento_xvi_artistas_1.html, consultado a 26.07.2020.

As Religiões – sensibilizar os alunos a refletirem sobre o mundo que os envolve, levando-os a transmitir as suas emoções, desejos e ideias através de atividades que envolvam a experiência artística.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho é, essencialmente, a da investigação bibliográfica e do método hermenêutico, procurando assim interpretar a arte numa perspetiva religiosa e educacional, pautada pela visão cristã e com outras áreas do saber. Através da experiência feita ao nível da PES e do uso destes dois métodos, procurou-se verificar as possibilidades e os limites da arte como caminho pedagógico e didático para a lecionação de EMRC.

I. Desafios e oportunidades na Prática de Ensino Supervisionada

Neste primeiro Capítulo é nosso desejo aprofundar a PES, decorrida durante o ano letivo 2017/2018 no Agrupamento de Escolas D. Dinis (AEDD), contextualiza-la e refleti-la à luz da temática aqui explanada. Apresentaremos as características sociais, demográficas e económicas do contexto onde se insere a Escola Damião de Góis - Escola onde foi realizada a PES. Neste contexto faremos uma reflexão onde se incluem as características da escola e das turmas onde decorreu a prática pedagógica. Na caracterização das turmas A, B e C, do sétimo ano, abordaremos o contexto de onde provêm os alunos, tendo em conta as peculiaridades pessoais de cada um.

Após o enquadramento teórico da PES, prossegue-se com a apresentação da prática letiva, nomeadamente a caracterização do contexto escolar, a fundamentação e articulação da 2UL “As Religiões”, as planificações e as estratégias executadas e a reflexão crítica sobre a prática pedagógica.

1. O contexto em que se desenvolveu a PES

Tendo por base o estudo de Arends⁴, no qual o ensino é considerado uma forma de arte, onde os professores devem conhecer e dominar as técnicas para melhorar as aprendizagens dos alunos, conhecendo a sua realidade, de forma a adotar estratégias motivadoras, verificamos o quanto é importante o conhecimento prévio das características dos alunos, os seus valores e as expectativas das comunidades onde se inserem. Sendo que não existem formulas ou receitas para ensinar, é importante que o professor conheça a realidade do mundo envolvente da criança, para assim perspetivar os objetivos do ensino. Tendo sempre como horizonte ajudar os alunos

⁴ Cf. ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008. 60-80 e 143-150.

a tornarem-se independentes, autónomos e responsáveis. Da mesma forma que é fundamental ter um conhecimento do meio onde a escola está inserida, de forma a entender o papel da escola para aquela comunidade.⁵

A escola pertence a todas as crianças e todas devem ver o seu potencial maximizado. A diversidade dentro da sala de aula passou a ser uma realidade, onde o professor deve ir ao encontro de cada aluno.

Tendo por base todos estes aspetos, apresento de seguida uma caracterização da escola e da turma onde foi desenvolvida a PES.

1.1. Caracterização sociológica da EB 2, 3 Damião de Gois⁶

A escola Básica Damião de Góis (2,3) de Lisboa está situada no Bairro dos Lóios, na rua Cassiano, pertencente à freguesia de Marvila, Concelho de Lisboa. Integrou na escola sede AEDD em 26 de abril de 2013. A escola sede é o antigo Liceu Nacional D. Dinis de Marvila, que iniciou em 1972, com a capacidade de integrar 900 alunos. Desde 1973 abriu o Curso Noturno mantendo-se até aos dias de hoje. O agrupamento sofreu uma reestruturação em 2002 sob o projeto de intervenção de modernização realizada pelo Parque Escolar.

A escola sede tem como oferta formativa o 3.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário, nas suas vertentes de prosseguimento de estudos (cursos científico -humanísticos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades) e de ensino profissional (cursos profissionais de Técnico de Apoio à Infância, Técnico de Gestão e Programação de Sistemas de Informação, Técnico de Multimédia, Técnico de Gestão de Apoio às Instalações Desportivas e Técnico Auxiliar de Saúde (este em fase de extinção, com turma

⁵ Cf. *Ibidem*.

⁶ A caracterização da Escola EB23 Damião de Góis contou com o apoio da informação fornecida pelo professor cooperante António José, pela informação que consta no sito web da escola e pelas informações recolhidas um ano antes pela colega de estágio Susana Querido.

apenas no 12.º ano). A oferta formativa inclui ainda cursos em regime noturno, com Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), na vertente escolar (básico e secundário). Funciona ainda o terceiro ano de um curso de dupla certificação, na área de Eletrónica, Automação e Computadores.

O Agrupamento de Escolas D. Dinis é composto por oito escolas: a escola sede, Escola Secundária D. Dinis, a Escola Básica Damião de Góis, a Escola Básica de Marvila, a Escola Básica Professor Agostinho da Silva, a Escola Básica de Lóios, a Escola Básica Dr. João dos Santos, a Escola Básica Luíza Neto Jorge e a Escola Básica nº 195.

A Escola Básica Damião de Góis de Lisboa iniciou a sua atividade em 1983/84, adotou como seu patrono Damião de Góis, reconhecido no séc. XVI como um ilustre historiador e humanista português, que ligou Portugal e Europa. A oferta educativa nesta escola inclui turmas do 2.º e 3.º ciclo do ensino básico, um curso vocacional de 2.º ciclo de Desporto e Espaços Verdes, com as áreas de Jardinagem, Produção Agrícola e Desporto, e um curso vocacional de 3.º ciclo de Espaços Verdes, com as áreas de jardinagem e Produção Agrícola. Funciona ainda o curso de educação e formação (CEF) de Jardinagem e Espaços Verdes.

É constituída por cinco pavilhões, existindo coberturas entre si. No pavilhão A, composto por dois pisos, situam-se a sala de professores, sala de Diretores de Turma, sala de receção a Encarregados de Educação, sala de Assistentes Operacionais, Biblioteca, sala TIC, Direção, arquivo e reprografia.

Os pavilhões B e C, ambos de dois pisos, cada um é constituído por doze salas de aula. Aqui estão incluídos o laboratório de física e química, biologia, sala de educação visual e sala de educação tecnológica e sala de música. Todas as salas têm computador, mas nem todas têm projetor e tela. O mobiliário das salas é tradicional e apresenta algum desgaste. No pavilhão D estão situados o refeitório, a sala de alunos, papelaria e sala do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família).

Conta ainda com um pavilhão gimnodesportivo e um campo exterior de jogos. O espaço exterior da escola apresenta um cuidado pela Natureza, onde existem bastantes espaços verdes.

O Bairro onde se insere a escola foi projetado e construído para uma população prioritária ligada às Forças Armadas e Policiais e do Ministério da Justiça. No final da década de 60 e início da década de 70, o plano foi cumprido tendo também uma forte componente de famílias que migraram do Centro e Norte do país. Pós 25 de Abril, houve um surto de ocupação de casas na generalidade dos Bairros da Freguesia de Marvila que transformou a caracterização de base da população projetada.

A pressão migrante em Lisboa e a falta de condições de habitabilidade em diversos espaços da cidade levou à criação de vários bairros sociais, incluindo a Freguesia de Marvila, e consequentes realojamentos. A zona envolvente da escola tem uma média de 7500 habitantes, onde existe uma grande diversidade cultural. É composta por portugueses, guineenses, angolanos, moçambicanos, são tomenses, cabo-verdianos, indianos e famílias de etnia cigana, muitos deles já de 2.^a ou 3.^a geração. A nível etário predomina a população jovem e a terceira idade. Devido à diversidade cultural, ética e racial e aos problemas que foram surgindo no espaço escolar, o Agrupamento de Escolas D. Dinis herdou a tipologia TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3) do anterior Agrupamento de Escolas Damião de Góis. Tal como indica Arends a diversidade a nível cultural, de etnia e de raça apresenta um dos maiores desafios para os professores, especialmente porque as questões de desigualdade étnica e racial que ainda existem na sociedade se refletem na escola e na sala de aula.⁷. Este é um aspeto fulcral na escola Damião de Góis, pois estas diferenças geram conflitos e desentendimentos que nem sempre são passíveis de resolução. Todo o contexto familiar e cultural envolve os alunos numa dinâmica muito particular e quase inacessível para os que observam de fora. Perante este cenário, a escola teve de encontrar algumas estratégias de modo

⁷ Cf. ARENDS R., *Aprender a Ensinar*, 62.

a que os alunos desenvolvessem competências escolares e sociais, como por exemplo o cuidado com cada aluno, a especificidade necessária de cada caso e o desenvolvimento de vários projetos sociais de intervenção que motivem e consigam dar resposta a algumas necessidades das crianças e jovens (os projetos são mencionados de seguida) da freguesia de Marvila

Os alunos que frequentam a escola são na sua maioria residentes dos bairros que compõe a freguesia de Marvila, tendo grande parte dos alunos carências socioeconómicas e financeiras. Além das carências financeiras é notória alguma desmotivação perante os processos de aprendizagem. A escola nem sempre é percebida como uma mais-valia para a sua vida adulta e realização pessoal. Tal como refere Arends, este acontecimento está ligado ao facto de muitos jovens receberem uma educação inferior, onde os seus familiares possuem uma formação baixa (este aspeto é refletido na caracterização da turma).⁸

A escola, para além de um espaço onde se adquirem conhecimentos e desenvolvem saberes, é também um local de interação humana e socialização, onde se constroem relações e laços de amizade, tendo grande impacto na vida dos que a frequentam. É também um espaço promotor da participação em atividades de complemento curricular, numa clara consciência de que o sucesso educativo só é possível com a colaboração de todas as estruturas que constituem a realidade do aluno: a família, a escola e a comunidade em que se insere. A abertura da escola à comunidade e o estabelecimento de parcerias socioeducativas reforçam a dimensão comunitária da ação educativa. Os projetos de desenvolvimento educativo e complemento curricular permitem a aprendizagem, o acesso a equipamentos e experiências diferentes, a promoção da escola enquanto elemento ativo da comunidade em que está inserida, o desenvolvimento de capacidades ao nível do conhecimento, da prática pedagógica, do trabalho colaborativo e a criação de ambientes de aprendizagem verdadeiramente enriquecedores. Neste sentido, um conjunto cada vez mais alargado de professores tem aderido a diferentes projetos e

⁸ Cf. *Ibidem*, 61.

atividades, estabelecendo relações de proximidade com a comunidade envolvente, consolidadas através de protocolos e parcerias, nomeadamente com a Câmara Municipal de Lisboa e Junta de Freguesia de Marvila, com Instituições de Ensino Superior, com o tecido empresarial, entidades e organismos locais, desenvolvendo atividades e experiências no âmbito da dinamização cultural, do empreendedorismo, em projetos de solidariedade, de educação ambiental ou de ciência, de investigação ou outros, com benefícios evidentes para os alunos e valorização da imagem da Escola. Os projetos desenvolvidos no agrupamento são preferencialmente transversais e promovidos no âmbito dos departamentos ou por entidades parceiras. Como reconhecimento do trabalho de professores e alunos, a Escola tem recebido vários prémios e louvores, quer relativos à sua participação em concursos ou outras iniciativas, quer à organização de competições nacionais, por exemplo, no âmbito do Desporto Escolar. Segue-se a listagem dos projetos implementados no agrupamento neste ano letivo 2017/2018:

- Projeto Intervir

Projeto Intervir tem como objetivo a prevenção de comportamentos de risco e/ou a promoção de hábitos de vida saudáveis. Este projeto intervém junto de crianças e jovens nas escolas da freguesia de Marvila, nomeadamente, na E.B. 1 Dr. João dos Santos, na E.B. 1 N.º 195, na E.B. 1 do Bairro do Armador, na E.B. 1 do Bairro do Condado, na E.B. 1 do Bairro dos Lóios, E.B. 1 Manuel Teixeira Gomes, E.B. 2+ 3 de Marvila, na E.B. 2+3 Damião de Góis e E.B. 1 Luíza Neto Jorge. Para além das atividades nas escolas (Programas de Promoção de Competências Pessoais e Sociais; Conversas com Pais e Gabinete de Apoio à Criança), o projeto trabalha com os jovens da freguesia através da ocupação de tempos livres e atividades de promoção de competências pessoais e sociais.

- Projeto +

O Projeto + ajuda o desenvolvimento social e comunitário das crianças e jovens, sendo desenvolvido pela junta de freguesia de Marvila. Tem três eixos de ação de intervenção

prioritária: crianças e jovens em risco; empreendedorismo e empregabilidade; desenvolvimento e capacitação comunitários. Tendo como objetivo geral, contribuir para o combate à exclusão e pobreza nesta zona da freguesia, o Projeto + tem os seguintes objetivos:

- Contribuir para a melhoria do desempenho escolar e aquisição de novas competências por parte das crianças e jovens da comunidade;
- Promover novas oportunidades para as crianças e jovens, através de abordagens integradas com a escola e a família;
- Combater o desemprego local, através da promoção do empreendedorismo e da empregabilidade, entre os jovens e os adultos residentes na comunidade;
- Contribuir para a capacitação dos recursos endógenos e instituições da comunidade, de modo a que adquiram ou reforcem competências necessárias para se assumirem como atores centrais do seu próprio processo de desenvolvimento;
- Adotar, adaptando, projetos e intervenções sociais já testados com sucesso noutros bairros sociais do país;
- Contribuir para a inovação social na cidade de Lisboa.

Para além destes dois projetos, o agrupamento de Escolas D. Dinis sentiu necessidade de criar diferentes respostas para diferentes problemas que surgiam. Tendo desenvolvido os seguintes projetos.

Outros Projetos e Clubes	Principais objetivos
Amor ao Quadrado	Trabalhar competências na área da Matemática.
Clube ArtMedia	Promover e divulgar o Cinema de Animação e a Multimédia .

Clube Europeu	Desenvolver nos jovens um sentimento de pertença para com a Europa e o Mundo, investindo na formação dos alunos, conscientes dos seus direitos e deveres, para que os mesmos possam intervir, direta e ativamente, na construção de uma cidadania consciente e ativa.
Clube de Alemão	Realizar atividades de enriquecimento cultural e linguístico, através de atividades lúdicas.
Clube de Robótica	Aproximar os alunos às novas tecnologias da informação e comunicação, no contexto de uma atividade extracurricular interessante e lúdica, onde se experimenta e aplica os conhecimentos adquiridos durante as aulas da componente de formação técnica.
Desporto Escolar	Promover o acesso à prática desportiva regular de qualidade, com o objetivo de contribuir para a promoção do sucesso escolar dos alunos, de estilos de vida saudáveis e de valores e princípios associados a uma cidadania ativa.
Educação para a Saúde e Sexualidade	Dotar as crianças e os jovens de conhecimentos, atitudes e valores que os ajudem a fazer opções e a tomar decisões adequadas à sua saúde e ao seu bem-estar físico, social e mental, bem como a saúde dos que os rodeiam, conferindo-lhes assim um papel interventivo.
Eco-Escolas	Encorajar o desenvolvimento de atividades, visando a melhoria do desempenho ambiental das escolas, contribuindo para a alteração de comportamentos e do impacto das preocupações

	ambientais nas diferentes gerações, reconhecendo e premiando o trabalho por elas desenvolvido.
Erasmus +	Preparar para uma participação ativa e criativa na vida cultural da própria região. Conhecer os lugares mais importantes, monumentos e lendas da região. Ensinar a respeitar a cultura nacional. Comparar as suas raízes com os outros países europeus. Reconstruir a cooperação entre países parceiros.
Esgrima Histórica	Estudar, praticar, ensinar e desenvolver as artes marciais históricas ocidentais.
Matemática e Jogos de Estratégia	Ajudar a criar contextos de aprendizagem significativos.
“Para ti se não faltares”	Melhorar o sucesso escolar. Melhorar as competências ao nível da língua portuguesa, matemática e tecnologias de informação e comunicação. Desenvolver competências pessoais e sociais contribuindo assim para a melhoria individual das dimensões do "saber ser" e "saber estar". Promover a adoção de estilos de vida saudável e à prática desportiva.
Plano Nacional de Cinema	Desenvolver um programa de literacia para o cinema e de divulgação de obras cinematográficas nacionais junto do público escolar, garantindo instrumentos essenciais e leitura e interpretação de obras cinematográficas junto dos alunos.
Oficina da Ciência	Divulgar a cultura científica e tecnológica.

1.2. Caracterização da turma

Partindo do pressuposto que o sucesso depende da “utilização de estratégias motivadoras derivadas das perspetivas, assim como o da utilização de estratégias que ajudem um grupo de indivíduos a tornarem-se uma comunidade de aprendizagem produtiva”⁹, importa agora deter-me numa caracterização do público-alvo da minha ação. Tentar compreender através de alguns indicadores de ordem familiar, social, cultural e académica quem constituiu o meu grupo-turma e quais as implicações que essas especificidades tiveram na minha ação educativa e no relacionamento interpessoal.

Estas conclusões são retiradas de um inquérito realizado na primeira aula, este encontra-se em anexo. O grupo de alunos onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada era composto pelas turmas A, B e C do 7º ano dando um total de vinte e um. As idades variavam entre os 12 aos 15 anos.¹⁰

O grupo de alunos era bastante heterogéneo nas diversas categorias de idade, percurso escolar e cultura.

A maioria dos alunos eram residentes dos bairros próximos da escola pertencendo ao mesmo meio, havendo uma aluna que residia no distrito de Setúbal.

As famílias na sua maioria eram de classe média e classe média baixa, onde eram notórias as carências socioeconómicas da maioria dos alunos. Como indica o gráfico 1 mais de metade da turma, 86%, usufruía de apoio social, espelhando a realidade do contexto social.

⁹ ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, 152.

¹⁰ Cf. Portefólio - Ficha de caracterização do aluno, página 29.

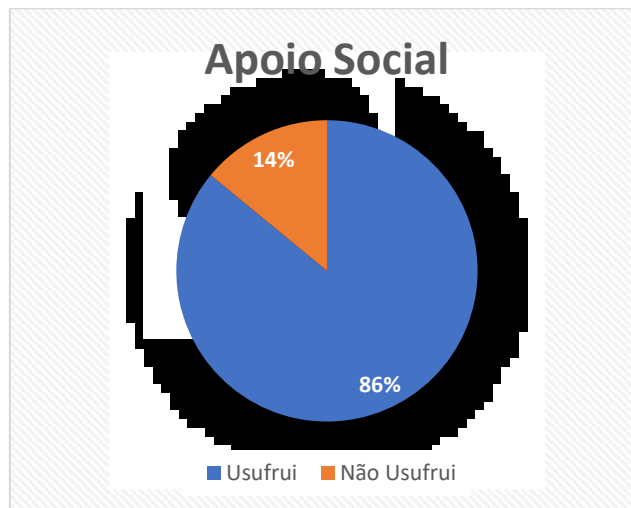


Gráfico 1: Beneficiários da Segurança Social

Relativamente ao agregado familiar, numa realidade de 21 alunos, apenas dois alunos apresentavam uma família monoparental, sendo todas as outras biparentais. Existia um número reduzido de alunos em que o seu grupo familiar era composto por várias famílias a viverem na mesma casa, avós, tios e primos.

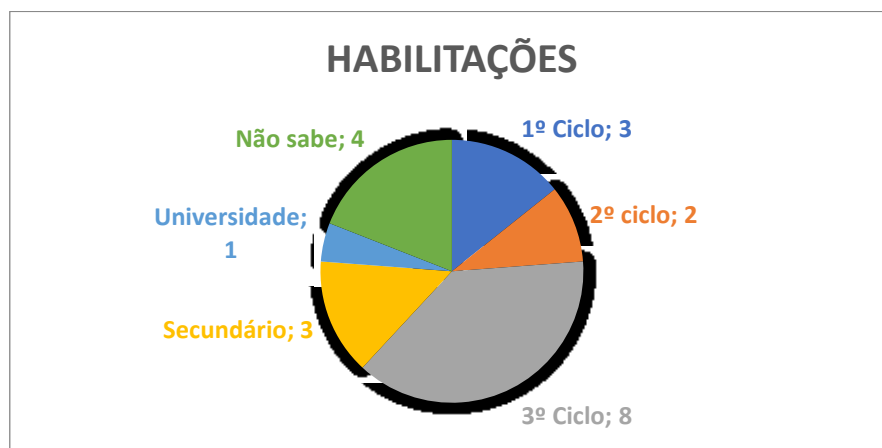


Gráfico 2: Habilitações escolares dos Encarregados de Educação

Perante o gráfico 2, constata-se que grande parte dos Encarregados de Educação tinham como habilitação escolar o 3º ciclo, seguindo-se o 1º ciclo e secundário. O grau mais elevado era de uma encarregada que tinha um curso universitário.

Na maioria dos casos, as profissões desta população estavam associadas a serviços de limpeza e comércio, quer de venda ambulante quer fixa, registando-se ainda um elevado índice de desempregados, de reformados e de beneficiários do Rendimento Social de Inserção. Apenas sete famílias tinham dois ou mais trabalhadores no mesmo agregado familiar. Arends no seu estudo afirma que os alunos quando são provenientes de famílias com menos graduação tendem a ter menos motivação para a escola¹¹, porém neste caso não notamos que a influência do meio social e do ambiente familiar condicionava os objetivos pessoais ou as vocações profissionais dos alunos, visto que na sua maioria, 75%, tinham como desejo profissões que exigem a conclusão do ensino superior.

Em termos globais os discentes apresentavam comportamentos adequados à sala de aula, cumprindo com as regras, embora por vezes apresentassem níveis de atenção /concentração irregulares.

O grupo de alunos na sua maioria, mesmo tendo-se inscrito, não evidenciavam muito interesse pela disciplina no início do ano letivo, tendo sido importante uma atenção redobrada e disponibilidade para estimular o interesse junto deles e para perceber as suas dificuldades.

Os alunos demonstravam interesse e sensibilidade aos conteúdos que lhe eram mais familiares ao seu quotidiano, sendo bastante participativos e assertivos com as suas intervenções. A leitura e a realização de pequenos exercícios ao longo das aulas, revelou-se uma mais-valia, além de ajudar a compreender melhor os conteúdos, ajuda a estabelecer um maior espírito de interajuda e de partilha entre a turma.

O grupo de alunos apresentava uma cultura diversificada tendo sido importante o professor ir ao encontro da cultura de cada um, de forma a integrá-los e para que a escola seja um local de integração e de desenvolvimento pessoal, para além das aprendizagens científicas.

¹¹ Cf. ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, 61-62.

Metade dos alunos consideravam-se católicos, participando na catequese e na missa, os restantes não sentem qualquer afinidade a uma religião em concreto. Contudo, estes demonstravam conhecer os valores éticos da religião e um sentido de respeito pelas diferenças de cada um. A maioria dos alunos optou pela disciplina de EMRC com o objetivo de conhecerem um pouco mais da religião, aprofundarem questões culturais e pelas atividades que esta lhes proporcionava.

2. Evolução da prática docente

Podemos enquadrar o percurso efetuado ao longo da Prática de Ensino Supervisionado, tanto a nível dos Seminários, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa, como no núcleo de PES nesta afirmação de que um educador não pode sê-lo sem se deixar primeiro ele próprio educar. Sei bem que a minha maior expectativa era apreender a ensinar bem. Esperava, com este ano, ganhar alguma experiência em relação ao processo de ensino-aprendizagem e poder evoluir com os próprios erros, bem como através dos ensinamentos que iria receber por parte dos professores orientadores, colegas do Núcleo de Estágio e da restante turma da Faculdade, como forma de poder melhorar a minha capacidade enquanto profissional na área de EMRC.

No que diz respeito às matérias que lecionei, confesso que sentia algum receio, devido a algumas falhas ou lacunas no que respeita ao desenvolvimento dessas durante a formação académica, e por isso tive a necessidade de consultar bibliografia pela falta de bases e experiências das matérias a abordar e pela responsabilidade em lecionar modalidades fora do meu domínio. Sem dúvida que para ensinar é preciso estar muito disposto a aprender! A função de “ser professor” implica não só a aquisição de conhecimentos académicos e pedagógicos, mas também uma vasta gama de competências pessoais e sociais. Esta imensa responsabilidade de “ser professor” intimidava-me e, simultaneamente aliciava-me, principalmente pelo facto de finalmente poder contribuir para a formação dos jovens, sendo esta uma das principais funções do papel do professor. Acima de tudo, esperava crescer quer a nível profissional, quer enquanto pessoa, com a certeza de que este seria um dos anos mais marcantes da minha vida.

Na verdade, os seminários de PES permitiram-me realizar uma reflexão mais aprofundada acerca do meu papel como professor de EMRC na escola dos nossos dias e na sociedade contemporânea.

Foi nesta perspectiva que comecei o estágio no agrupamento de escolas D. Dinis, na Escola Básica Damião de Gois, com as turmas A, B e C do 7ºano. Assim propus trabalhar a unidade letiva dois do 7ºano - “As Religiões”.

A minha PES foi um desafio abraçado com um misto de alegria e receio, na medida em que era uma experiência inovadora. Ainda me lembro do primeiro dia que fui à escola, claro que parti com algum receio do espaço, preconceito preconcebido na minha cabeça, mas penso que isso é normal, visto que o que é desconhecido gera medo e insegurança, por ser indefinível, imprevisível e incontrolável. Mas foi com muita alegria que este meu medo se modificou logo desde o primeiro momento. Senti-me bem acolhido por parte dos funcionários, sempre com uma alegria por nos ver, dos professores e dos alunos. Esta relação com os alunos foi crescendo ao longo do tempo. Fui notando esta grande mudança da minha relação com o espaço escolar, o simples facto de andar pela escola nos intervalos, de ir assistindo aos torneios, fazia com que os alunos viessem ter connosco, nos cumprimentassem e nos abordassem- estar na escola como professor é uma experiência diferente daquela de ser aluno.

No espaço de sala de aula tive de aprender a ser alguém em quem os alunos confiam e que ao mesmo tempo que procura transmitir conhecimentos novos. Com a ajuda da PES fui capaz de ir desenvolvendo um olhar mais crítico sobre os alunos, não no sentido negativo, mas capaz de olhar para eles de forma mais profunda. Deixar de arranjar desculpas com o menos bom dos alunos, e procurar construir com essa energia algo interessante.

Outra experiência que para mim foi muito importante como professor foi a gestão do programa, que antes era para mim desconhecido. Com a ajuda do Professor Cooperante procurei que as planificações das aulas e os materiais pedagógicos fossem sempre ao encontro da turma que estava a trabalhar e que pudessem trazer algo de novo para eles, mas sempre guiados pelas diferentes metas e objetivos do programa de EMRC. De aula a aula foi possível ir aprendendo e aperfeiçoando algumas estratégias para utilizar, perceber alguns desafios na própria gestão da

aula, nomeadamente na gestão do tempo, na explicação de um conceito ou até na relação com os alunos. Nesta perspetiva fui compreendendo, com a ajuda do Professor Cooperante, como a interpelação de todos os alunos pelo seu nome, levava a um maior envolvimento da sua parte no desenvolvimento da aula. A prática letiva permitiu-me igualmente atribuir maior relevância ao facto de a comunicação dever ser secundada pela observação verbal e não-verbal dos alunos. Adquiri uma melhor compreensão da importância de uma comunicação mais direcionada e assertiva, por exemplo, acerca das atividades a realizar, preocupando-me em confirmar a boa compreensão pelos alunos.

Por outro lado, uma comunicação eficaz com os alunos requer um bom conhecimento das suas pessoas e das respetivas situações vivenciais. Não há dúvida que um dos fatores que facilita a eficácia das aprendizagens é o tipo de relação que se estabelece com os alunos.

Como foi referido anteriormente um outro desafio é a transmissão de determinados conceitos em sala de aula. Descobri que é muito importante simplificar e clarificar conceitos abstratos com tempo suficiente, previsto na planificação de nível quatro, para que possam traduzir-se numa aprendizagem significativa para os alunos. Para que isto acontecesse foi preciso da minha parte compromisso e empenho no estudo e trabalho de pesquisa realizado em casa como na Faculdade, com vista a dominar os conteúdos propostos na Unidade lecionada. É essencial que o professor se sinta à vontade nos conteúdos que irá lecionar. A PES confirmou mais uma vez a convicção que me acompanha desde o início: a preparação científica nas áreas relacionadas com os conteúdos lecionados é fundamental. Sempre que eu ou algum dos colegas do núcleo de PES não estava seguro dos seus conhecimentos isso teve reflexos na gestão da aula. Não porque se transmitisse informação incorreta aos alunos, mas porque essa insegurança nos prendeu e condicionou, mesmo que inconscientemente, a aula. Por outro lado, a preparação aprofundada das temáticas abordadas, a pesquisa científica e também de recursos diversos, mesmo que às vezes parecesse uma perda de tempo, por ter conduzido por vezes a caminhos

que depois não chegámos a concretizar, conduziram, regra geral, a aulas em que fui capaz de motivar os alunos a participar e em que estes conseguiram apreender os conteúdos previstos.

Procurei criar materiais pedagógicos diversificados e com uma linguagem clara, simples e cientificamente cuidada. Foi necessário desmanchar, pôr de lado determinados recursos que, apesar de interessantes, poderiam afastar os alunos dos objetivos pretendidos. Outras vezes, foi necessário reajustar, retomar conteúdos na aula seguinte para melhor clarificar. Era essencial que os alunos sentissem que realmente estavam diante de algo preparado para o contexto específico da aula de EMRC e não de algo adaptado a esse contexto.

Os alunos devem estar no centro do processo de ensino-aprendizagem, devem ser o seu horizonte. Envolver o aluno, torná-lo participativo do que acontece em aula e não os deixar como simples espectador, foi um dos objetivos de fundo quando preparava cada aula. A consolidação dos conceitos abordados foi realizada, na medida dos possíveis, através de atividades que implicassem um papel ativo por parte dos alunos, daí que o recurso à interatividade, ao diálogo, à escrita, ao trabalho em pares, à observação de imagens e de vídeo se tornou um recurso e uma estratégia frequente. Mas temos de ter cuidado e estar atentos. A exposição em si mesma não é má e é necessária, o que não pode é ser a única estratégia a utilizar em sala de aula. Temos de ter sempre uma visão crítica sobre todos os materiais pedagógicos utilizados, tendo presente a turma a que se destinam. A nível da Didática, o professor cooperante incentivou o recurso a estratégias diversificadas, mostrando como é crucial acrescentar uma novidade em cada aula para despertar a atenção dos alunos.

Relativamente à gestão do programa, tentei realizar uma leitura profunda do programa, das suas metas, domínios, objetivos e conteúdos, de modo a poder posteriormente planificar o trabalho e conseguir abordá-los com os alunos. Foi um trabalho moroso, mas que revelou os seus frutos, na medida em que, depois de ter tido uma visão de conjunto da unidade letiva, pude

construir um trajeto a percorrer com a turma, o qual foi sofrendo os seus ajustes e desvios, de acordo com as necessidades observadas em sala de aula.

Senti alguma dificuldade no início, nomeadamente na realização da planificação, na seleção dos conteúdos visto esta ser uma unidade um pouco extensa. A opção que tomei foi de abordar as seis religiões sugeridas pelo programa, mesmo que em algumas situações de forma introdutória – isto também teve a ver com a capacidade da própria turma. Senti que era necessário oferecer aos alunos um conhecimento inicial sobre as diferentes religiões, as suas estruturas, as suas características comuns, as suas festas e rituais, bem como os seus fundamentos éticos e morais.

No início do ano, a gestão das aulas foi para mim um dos pontos preocupantes, por causa do nervosismo e do receio. Receio de não conseguir controlar a turma, visto que inicialmente era uma turma irrequieta. Nervosismo por estar a ser “avaliado” e porque tinha medo de não conseguir controlar o tempo da aula, de não conseguir dar o que tinha previsto. Senti mesmo que nas primeiras aulas estava demasiado preso às planificações e ao relógio. Definitivamente eram eles que me controlavam. Por isso uma das aprendizagens foi aprender a gerir a viver calmamente a aula, estando assim mais disponível para os momentos de aula não planificados, e ao mesmo tempo tentar que as passagens dos momentos da aula sejam feitas normalmente e não forçados.

Ainda no que diz respeito à gestão do Programa, tentei cumpri-lo e planifiquei a UL de acordo com a minha visão crítica e o que penso ser mais relevante para os alunos. Ao preparar esta UL procurei seguir o programa de EMRC, tendo em atenção as metas e objetivos propostos. Assim tinha como objetivos a atingir: questionar a dimensão religiosa do ser humano; perceber qual a função da religião na vida das pessoas; identificar várias manifestações religiosas; identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas; reconhecer a mensagem essencial do cristianismo através da interpretação de textos bíblicos e identificar os

princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. Como já referi anteriormente, procurei que os conteúdos trabalhados fossem claros para os alunos e houvesse uma apreensão efetiva destes, garantindo aprendizagens significativas e o sucesso dos alunos na aprendizagem dos conteúdos lecionados. Sempre que trabalhava na planificação de cada aula, na construção de estratégias, na preparação dos materiais, tinha em conta a faixa etária dos alunos com quem estava a trabalhar, adequando as estratégias e materiais à idade em questão. Ainda assim não deixava de ter em conta também a organização da UL apresentada no programa, adequando igualmente os conteúdos e o tempo necessário de acordo com a turma e o ano, tratando-se neste caso de uma turma do 7º ano.

Durante o tempo da aula, por vezes surgiram imprevistos que fizeram com que existissem alterações e adequações à planificação, como por exemplo o tempo estabelecido para as atividades, atribuindo mais tempo a uma atividade e dando menos a outra, conforme também a intervenção dos alunos. No entanto no seu geral todas as planificações foram cumpridas.

Para além da lecionação da UL, participei em atividades da escola, na visita de estudo, três dias na Arrábida e no projeto “Olimpíades de EMRC”. Este projeto levou à minha participação ativa na elaboração dos questionários e na correção dos mesmos feitos pelos alunos.

Quanto à assiduidade lecionei todas as aulas, previstas na planificação da UL. Estive presente nas aulas dos colegas e avaliação crítica das mesmas, procurando cumprir o calendário. Esta situação implicou um grande esforço e sacrifício, mas foi muito enriquecedora e com um contributo muito importante para ser cada vez melhor professor. Foi fundamental a ajuda do Professor cooperante e também dos colegas de núcleo para o meu crescimento enquanto professor. É de realçar e de valorizar quando há uma aprendizagem e evolução positiva.

Ao longo do ano pude refletir no papel do professor de EMRC na escola. Aprendi muito com o nosso Professor Cooperante e com os meus colegas de PES. Com o que refleti e estudei,

tentei viver dessa forma nas escolas onde leciono. É fundamental ser-se um professor responsável, um professor que dá tempo aos alunos e à escola. Ser professor não pode ter só mais uma coisa que faço, mas deve ser visto como uma vocação. Esta vocação implica o sair de si de modo extraordinariamente gratuito. Estar ao serviço dos alunos, indo ao encontro das suas reais necessidades, no mundo presente, requer um olhar atento como o de Jesus, a decisão de esperar contra toda a desesperança e de permitir a longanimidade. Podemos dizer então que o que marca a docência, e de forma especial a docência de EMRC, é a doação.

Avalio os resultados alcançados ao longo da lecionação como bastante positivos, pois os alunos foram-se deixando envolver, o que foi visível na forma como participaram ativamente ao longo das aulas. Alguns tomaram a iniciativa de querer partilhar as suas opiniões. De modo geral, empenharam-se na realização de trabalhos e foram colaborando na construção das sínteses da aula quando solicitados. Foram realmente os alunos que deram vivacidade às problemáticas abordadas.

Por tudo o que foi referido anteriormente avalio a PES como positiva e enriquecedora para o meu perfil de professor de EMRC, e vai de encontro às minhas expectativas iniciais em relação à PES.

Como a maioria dos meus colegas do Mestrado, também eu cheguei à PES já com alguns anos de lecionação. Nesse sentido, achei relevante e pertinente que muitos das minhas falhas enquanto docente fossem corrigidos e, também, que fossem apontadas as minhas qualidades durante a prática letiva, para que possa melhorar uns aspetos e não descurar os outros. Valorizei o trabalho colaborativo que a PES proporcionou, sobretudo no que toca à partilha de experiências e perspetivas acerca da disciplina com o Professor Cooperante. Tenho consciência de que saio da PES com um treino que me possibilitará participar melhor no trabalho colaborativo com outros docentes, sejam eles de EMRC ou de outras disciplinas, tão necessário e cada vez mais desejado nas nossas escolas. Aprender a ouvir, escutar e acolher as críticas dos

colegas e integrá-las na minha própria reflexão sobre a prática letiva, bem como acolher as sugestões dadas e apropriar-me delas para as integrar na prática foram aquisições importantes para mim.

Reconheço que ainda há um caminho a percorrer no sentido de aprender a suscitar com maior frequência a mundividência real dos alunos, com vista a sondar “o que lhes vai na alma” e, assim, promover uma aprendizagem verdadeiramente significativa. Isto revela-se fundamental para prevenir possíveis reações de apatia e indiferença.

A PES foi um período de grande aprendizagem e colaboração entre colegas de estágio e orientador. A possibilidade de a realizar num grupo foi um dos elementos que contribuiu positivamente para a experiência uma vez que permitiu partilhas alargadas. Esta experiência leva-me a refletir sobre os benefícios que haveria para o ensino se as aulas assistidas por colegas e a reflexão conjunta sobre as mesmas se tornassem uma realidade frequente nas nossas escolas, em vez de se resumirem à situação de estágio. Quando partilhadas, as dificuldades tomam a sua devida proporção e surgem novas soluções para os problemas. A prática de ensino isolada perde a oportunidade de “fazer melhor” que a partilha e reflexão entre pares potencia. Podemos assim dizer que a observação de aulas desempenha um papel basilar no melhoramento da qualidade do ensino e da aprendizagem, constituindo uma fonte de inspiração e motivação e um forte incentivador de mudança na escola. Ela pode ser utilizada em vários cenários e com diferentes finalidades, tais como, diagnosticar um problema, encontrar e aferir possíveis soluções para um problema, demonstrar uma competência, buscar formas alternativas de alcançar os objetivos curriculares, aprender, avaliar o desempenho e o progresso, criar metas de desenvolvimento, reforçar a confiança, estabelecer laços com os colegas e partilhar um sucesso¹².

¹² Cf. REIS, F. A. G., *Avaliação do Desempenho e Identidade Profissional Docente*. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Universidade do Porto, 1999.

Para além disso a PES foi principalmente um período de relação de proximidade com os alunos da turma de estágio, na qual aprendi com cada um deles e os eles aprenderam comigo. Nesta relação de aprendizagem tentei sempre ter como princípio a educação na diferença.

3. Considerações iniciais sobre a Unidade Lectiva – “As Religiões”

De seguida, procuraremos analisar a UL selecionada, no que respeita ao seu equilíbrio, adequação e relevância para os alunos, de modo a justificar a importância do conteúdo abordado para a formação adolescente, havendo uma explicação do processo de gestão levado a cabo, identificando os objetivos escolhidos e conteúdos selecionados.

O ser humano constitui-se como pessoa fruto de múltiplas e complexas relações. Enquanto seres unos e únicos, os humanos constroem-se através de um processo educativo. É na complexa reciprocidade entre sujeito e cultura que se desenvolve a educação pessoal dos indivíduos, a construção de uma identidade. Cada ser humano é marcado, na sua diferença pessoal, pela dimensão biológica e pela dimensão espiritual ou religiosa. Assim deste modo podemos afirmar que a dimensão religiosa é parte integrante do desenvolvimento humano, e que não se pode falar do homem sem se falar dela¹³. No fundo, trata-se de assumir que a tendência para a fé ou crença, é um elemento natural e característico dos seres humanos e possui concretização histórica no mundo através de ações, tradições e instituições concretas¹⁴. Na verdade, essa predisposição humana é a marca da busca de sentido para a vida. Pela sua dimensão espiritual cada sujeito descobre-se capaz de se abrir aos outros, em relação, para o acolhimento e para a dádiva, abrindo-se, deste modo, a uma dimensão transcendente em relação a si mesmo e em relação ao mundo que o rodeia. É esta dimensão que constitui cada sujeito como ser humano e como pessoa única e irrepitível. Todavia, perante a questão: o que é a fé? o Homem continua a ter dificuldades de dar uma resposta plenamente objetiva, o que constitui, à partida, um obstáculo para a sua aceitação.

Daí que não seja de estranhar dizermos que estamos perante uma crise de fé na sociedade em geral e nas crianças e adolescentes, em particular. Há sinais evidentes disso, como por

¹³ Cf. AMBROSIO, J., *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, Documento não publicado para uso dos alunos da disciplina de Didáticas Específicas de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017, 25.

¹⁴ *Ibidem*, 29.

exemplo, menor pedido de sacramentos (batismo e matrimónio), menos crianças inscritas na catequese e na educação religiosa escolar. Um dos muitos fatores dessa crise é o desprezo pela tradição no geral e, por consequência, pelo cristianismo e os seus valores, em prol do imediato, do novo, da moda, da tecnologia. Podemos afirmar que este processo engloba em si duas etapas. A primeira etapa corresponde à secularização da sociedade, e a segunda grande etapa pode ser descrito como o afastamento das pessoas face às formas herdadas do cristianismo. A tradição perde a sua autoridade para passar a ser vista como um fenómeno ultrapassado e descredibilizado pelas novas formas de pensamento¹⁵.

Sendo a adolescência uma fase de questionamento em relação a experiências e conceitos, nomeadamente de fé, transmitidos pela família, é imperativo que se aproveite este espaço-tempo para se desconstruir /construir conceitos de modo a contribuir para um desenvolvimento total equilibrado, inclusive na fé e na religião. Na adolescência existe uma crise de fé, isto devido a um processo de mudança, súbita e profunda, a que o adolescente está sujeito. E sendo uma fase de crise, é necessário intervir porque o jovem está aberto a novas experiências, sentimentos e emoções, precisa de referências seguras. Além disso, ao nível cognitivo está a mudar a sua perspectiva do mundo com diferentes mecanismos de interpretação da realidade (mudança de estágio de desenvolvimento), usando a abstração e o raciocínio por hipóteses, o que lhe permite aceder a conceitos não palpáveis como a fé e a religiosidade. A moralidade está também em transformação, a passar de uma abordagem heterónoma para uma leitura autónoma das realidades morais, construindo a sua identidade, fazendo que o adolescente seja capaz de reencontrar a sua identidade construída.¹⁶

A escola, em geral, e a aula de EMRC, em particular, podem assumir-se como contextos importantes de reflexão e do desenvolvimento/esclarecimento da experiência religiosa e da dimensão religiosa do ser humano.

¹⁵ Cf. CARVALHO, C. de S., “A experiência religiosa dos adolescentes”, in *Theologica*, 45 (2010) 413.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, 421.

A aprendizagem só ocorre quando o aluno aprende a relacionar-se. Esta aprendizagem, que deve ser global e aprofundada, passa também pelo questionamento da fé, da religião, do sentido da vida, aspetos intrínsecos a todo o Homem. Ao menosprezar estes aspetos, as escolas estão a pôr em risco a própria individualidade do Homem. Este, na sua diversidade, quer religiosa, étnica, cultural, social, tem de estabelecer relações com o seu semelhante, já que é o animal social por excelência. É da prática e reflexão destas experiências relacionais que os adolescentes desenvolvem a sua fé e o seu Eu, precisando de se sentir seguros.

Na presente abordagem a atenção a dar vai ao encontro do intenso desafio que trabalhar a dimensão religiosa do ser humano enfrenta nos dias de hoje. A experiência da infância, o contacto com tradições, linguagem e ritos religiosos, o impacto do meio social e a qualidade das relações interpessoais, em família ou com outras pessoas significativas, influenciam não só a imagem de Deus, como a experiência religiosa e a maneira como o adolescente vê a religiosidade.

Ao final desta pequena pesquisa, a questão que colocamos é: como podemos contribuir, através da disciplina de EMRC, para a construção deste sentido religioso na vida dos jovens? A EMRC, não tendo como finalidade a catequização, pode favorecer a possibilidade de a criança ou o adolescente construir a sua identidade religiosa. Sendo um dos objetivos de EMRC, ela poderá proporcionar o terreno fecundo à experiência religiosa na medida em que o educador, segundo Cristina Sá Carvalho

“encontrar equilíbrio e sensível arte pedagógica entre os esforços de promover uma experiência de fé, aliada a uma necessidade de emoção e atribuição de valor, e a necessidade de fidelidade e pertença à mensagem que se deve transmitir, ou seja, uma inteligência, clara e segura, da fé. Só assim é possível cultivar uma fé que forja a identidade da pessoa e se lhe torna transversal, uma fé que não só resiste ao impacto da cultura, como a entende e evangeliza.”¹⁷

¹⁷ *Ibidem*, 432.

O jovem é capaz de se transcender, de ir além daquilo que conhece e a EMRC proporciona-lhe os fundamentos da experiência humana na capacidade de abertura ao religioso. Assim se refere o Programa de EMRC quando afirma que a finalidade última da EMRC é fazer com que os alunos compreendam a perspectiva cristã da vida e a relacionem, de forma sistemática, com as situações da vida quotidiana e os outros saberes¹⁸. Nesta ótica educativa, trata-se de possibilitar espaços e tempos que proporcionem a educação da sensibilidade ao religioso. Mediante a leitura, interpretação e atualização do texto bíblico, por exemplo, facultase aos alunos a chave de leitura cristã como critério interpretativo da existência. No entanto, é um espaço em que, na escola, a dimensão espiritual dos alunos é trabalhada e em que o é a partir da perspectiva católica. Assim, penso que também no espaço da disciplina de EMRC é necessária uma atitude que valorize os lugares em que os alunos fazem a sua busca espiritual, é necessária uma atitude de escuta, de saída do tempo “regular” em que os alunos circulam de partilha das diferentes experiências, de acolhimento e de proposta mais do que de imposição.

Neste pressuposto, é possível, seguindo uma metodologia de investigação adequada, averiguar até que ponto é que a escola e a EMRC proporcionam um itinerário formativo que respeite a pessoa na sua unidade biológica, físico-social e transcendente. Outro ponto interessante seria o de perceber se o ambiente educativo da escola, a relação interpessoal na turma e a relação com o professor constituem uma realidade que favoreça uma aprendizagem significativa do fenómeno religioso, desenvolva a sensibilidade religiosa dos alunos e a aprendizagem de conteúdos religiosos e de comunicação religiosa. Nesta linha, o papel da disciplina de EMRC é crucial: o aluno desperta ou reconhece a dimensão religiosa da realidade? Sabe fazer uma leitura crítica sobre uma religião, compreende e mobiliza a linguagem simbólica e tem vocabulário para dialogar sobre as religiões ou com pessoas de outras religiões? É sensível à dimensão religiosa da vida e é capaz de perceber as implicações que essa dimensão

¹⁸ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosas Católica*, SNEC, Moscavide, 2014, 3-5.

tem nas atitudes, comportamentos e decisões a tomar? Como é que o aluno corresponde a uma proposta que promove a interioridade e a espiritualidade e desenvolve a sensibilidade religiosa, os conteúdos religiosos, a linguagem religiosa e o comportamento religioso, nesta fase específica do despertar da adolescência?

No que diz respeito ao universo simbólico dos adolescentes, a EMRC pode propor elementos que contribuam decisivamente para o saber dos alunos e os ajudem a interpretar a realidade e a integrar traços das suas próprias experiências. Estaremos atentos ao imaginário, às práticas, aos ritos ou às crenças dos adolescentes e dos jovens da cultura hodierna que se revestem de um sentido religioso e lhes oferecem elementos que constituem novas formas de religiosidade?

Ao olhar para a cultura e para a pessoa, a escola encontrar-se-á com a dimensão religioso-antropológico-sociológica do ser humano e com o facto de que a religiosidade está na génese da cultura, apelando-a permanentemente à sua transcendentalidade. Por isso, o ser humano encontrará na dimensão religiosa um contributo essencial para a compreensão do mundo como abertura universal e realista aos problemas, às interrogações e às experiências que ele constrói. E, compreender-se-á a si mesmo, através dela, como uma das vias estruturantes ontológicas, pois é na interioridade que ele se constitui como ser, e faz brotar os fundamentais valores da vida e da história humana. Valorizar a proposta da EMRC no projeto educativo de escola é reconhecer a capacidade transformadora que a dimensão religiosa tem nos alunos e na comunidade educativa, colocando em confronto processos e discursos, ativando um circuito reflexivo nos sujeitos que potencie uma comunidade humana mais tolerante.

Na educação escolar, a religião católica contribuirá para a abertura do aluno orientando-o de si para os outros, ajudando-o a formar-se na fraternidade, na amizade e na solidariedade universais. Tendo em conta tudo isto, a segunda Unidade Letiva do programa de EMRC para o

7º ano pode contribuir para esta construção da religiosidade dos nossos alunos, isto é, vai ajudar na estruturação do seu sentido religioso.

O interesse dos alunos por esta unidade não surge de imediato, sendo sempre necessário o recurso a mediações pedagógicas. Não é provável que os alunos tenham interesse imediato por uma unidade que se reveste de conceitos, pressupostos, tradições e culturas, por si só não nutre qualquer interesse imediato neles, por isso era importante pensar numa adequada mediação simplificada dos conteúdos. Pensar, preparar e concretizar esta unidade foi um verdadeiro desafio.

Este desafio de pensar, preparar e concretizar esta unidade de forma mais interessante para os alunos, levou a ser criada uma estratégia que percorreria todas as aulas. Para tal foi criado uma espécie de passaporte, o qual os alunos tinham consigo durante as aulas e o objetivo era estes escreverem nele as principais “características” de cada uma das grandes religiões, como por exemplo o nome do seu fundador, o ano e o local onde foram fundadas, os princípios morais e de fé, entre outros. Esta tarefa iria fazer com que os alunos estivessem focados, concentrados e simultaneamente interessados na matéria.¹⁹

Podemos dizer que o *objetivo* do passaporte era levar os alunos numa viagem pelo Mundo à descoberta das seis grandes religiões, uma viagem não só de conceitos ou de regras, mas uma viagem também pela cultura, pela arte e pelas pessoas. Foi neste sentido que em todas as aulas os alunos davam entrada na sala tendo como uma música de fundo da respetiva cultura/religião que iria ser abordada naquele dia. Para além disso todas as aulas começavam com a projeção de uma pintura ou imagem relacionada com a respetiva religião, a qual faria o ponto de partida para os conteúdos daquele dia. Voltando ainda ao passaporte, este como já foi referido, seria preenchido ao longo das lições e no fim destas o professor estagiário o levaria

¹⁹ Portefólio, anexo 4 na página 48.

consigo para corrigir. Se tudo estivesse correto o aluno receberia no passaporte o carimbo da respectiva religião.

Devido a esta dinâmica, a gestão desta unidade teve como critério a extensão dos temas em detrimento do seu aprofundamento. Assim optou-se por dar a mesma relevância a todas as religiões, isto é, atribuir a cada uma delas uma aula para a explorar e conhecer. Tendo a religião um papel fundamental na visão sobre o mundo e o ser humano, é importante proporcionar aos nossos alunos este contato/encontro com o religioso. Embora constituídos por elementos históricos, estes temas estão profundamente carregados de questões acerca do significado da existência e que, os alunos, de acordo com a sua idade, despertam para eles.

Neste sentido, para além do “passaporte das religiões”, as estratégias utilizadas nas nossas planificações concretizaram-se sempre graças aos recursos de PowerPoint, músicas, objetos, vídeos temáticos e guiões de acompanhamento das atividades em aula. A utilização do diálogo e do questionamento foram dois recursos frequentemente utilizados para ajudar os alunos a despertar para os conteúdos apresentados, tornando-os assim, também, protagonistas do seu conhecimento.

Fazendo uma análise às unidades letivas lecionadas, posso referir que a unidade letiva está orientada para a compreensão do que é o fenómeno religioso e a experiência religiosa, por um lado, e para a identificação dos núcleos centrais das religiões orientais e abraâmicas, por outro. Destaca-se ainda nesta unidade a construção de uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, e uma promoção do diálogo inter-religioso, sendo esta a meu ver um pouco superficial. Intimamente articulados com as metas estão os objetivos e estes procuram aprofundar a dimensão religiosa do ser humano e qual a função da religião na vida das pessoas.

4. A prática letiva

As planificações das aulas, que a seguir apresentamos, sobre a UL 2 – As Religiões – do 7.º ano do 3.º Ciclo do Ensino Básico, têm por base o Programa de EMRC, edição de 2014. São produzidas em função do curriculum da disciplina, da planificação anual de EMRC, e sobretudo, da caracterização da turma e do contexto em que se desenvolveu o trabalho docente. Para a sua elaboração recorreremos ao Manual de EMRC.

A proposta de planificação das aulas sobre “As religiões” respeita as finalidades, as metas, os objetivos e os conteúdos da disciplina para esta UL neste nível de ensino, de modo a que os alunos tomem consciência da dimensão religiosa do ser humano, identificando varias manifestações religiosas e consigam atingir os objetivos propostos em cada aula.

O Programa de EMRC postula que, nesta disciplina, as Metas Curriculares são definidas a partir das Finalidades da Disciplina. Estas finalidades “definem, em termos ideias, o que se pretende que um aluno adquira com a sua frequência (...), no contexto de uma determinada sociedade e de um dado sistema de ensino”²⁰.

Assim, acredita-se que as planificações, que se seguem, contribuem para que os alunos possam: “I. Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; II. Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; III. Adquirir uma visão cristã da vida; IV. Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; V. Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; VII. Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã”²¹.

A EMRC contribui, assim, para o reconhecimento e respeito pelas diferentes culturas e religiões.

²⁰ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014, 3.

²¹ *Ibidem*, 16.

4.1. Planificações

NÍVEL: 7º Ano

UL 2: As Religiões

Lição n.º 11

Data: 28/11/17

Ano Letivo: 2017/2018

- **1º P.**

Sumário: - Entrega e correção da ficha de consolidação.

- A Universalidade do fenómeno religioso.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p>	<p>1. Questionar a dimensão religiosa do ser humano.</p> <p>2. Perceber qual a função da religião na vida das pessoas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que é «ser religioso» • Ser religioso faz ainda sentido. <p>Função da religião na vida pessoal e coletiva.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A aspiração do ser humano à relação com a transcendência; • A necessidade da salvação e da plenitude humana. • A resposta do ser humano à interpelação do Absoluto. 	<p>- Acolhimento (com disposição dos alunos em U na sala de aula.) e sumário projetado:</p>	5'	Computador e projetor	<p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - empenho - interesse - participação
			<p>- Entrega e correção da ficha de consolidação.</p> <p>- Visualização e interpretação de uma pintura</p>	10'	Computador e projetor Imagem (An.01)	
			<p>- Projeção de um PowerPoint sobre a universalidade do fenómeno religioso.</p> <p>- Diálogo orientado em torno da mensagem veiculada pelo PowerPoint.</p> <p>- Síntese</p> <p>- Apresentação de um objeto significativo para os dois elementos escolhidos na lição anterior (Tayssa e Inês).</p> <p>- Avaliação do comportamento</p> <p>- Preparação da Visita de Estudo ao planetário, museu da Marinha e Mosteiro dos Jerónimo.</p>	3'		
				2'	Tabela de Comportamento (An.03)	- Tabela de comportamento
				5'		

Síntese: - O Ser humano é um Ser Religioso. A procura do Transcendente, do Sagrado, de Deus é uma questão humana e universal.

Sumário: - Monoteísmo e Politeísmo.

- As tradições religiosas orientais: Hinduísmo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa				
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	3. Identificar várias manifestações religiosas.	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolos, construções e comportamentos religiosos. • A questão do politeísmo e do monoteísmo. • As religiões e a sua relação com a magia, os fenómenos naturais, o desejo de eternidade e a busca de felicidade. • Tradições religiosas orientais: Hinduísmo. 	- Acolhimento (com disposição dos alunos em U na sala de aula.) e sumário projetado:	5'	Computador e projetor	Observação direta: - empenho - interesse - participação				
			- Apresentação da do "Passaporte das Religiões"	5'	Passaporte (An.04)					
			- Visualização e interpretação de uma pintura, musica e alguns objetos típicos dos hindus.	10'	Computador e projetor Pintura (An.05) Objetos (An. 06)					
			- Pequena Introdução às Religiões Monoteístas e Politeístas.	5'	Computador e projetor PPT (An. 07)					
			- Projeção de um PowerPoint sobre a Religião Hindu. Diálogo orientado em torno da mensagem veiculada pelo PowerPoint.	15'						
			- Síntese	3'						
			- Apresentação de um objeto significativo para os dois elementos escolhidos na lição anterior (Mariana e Érica).	2'	Tabela de Comportamento (An.03)					
			- Avaliação do comportamento							
										- Tabela de comportamento

Síntese: - A religiosidade oriental caracteriza-se pela valorização do interior da pessoa. O Hinduísmo é a **religião oficial da Índia** e uma das mais antigas tradições religiosas que se encontra registado histórico.

- Introdução às Religiões Monoteístas: a figura de Abraão.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	3. Identificar várias manifestações religiosas.	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolos, construções e comportamentos religiosos. • A questão do politeísmo e do monoteísmo. • As religiões e a sua relação com a magia, os fenómenos naturais, o desejo de eternidade e a busca de felicidade. • Tradições religiosas orientais: Hinduísmo. 	- Acolhimento (com disposição dos alunos em U na sala de aula.) e sumário projetado:	5'	Computador e projetor	Observação direta: - empenho - interesse - participação
			- Revisão da aula anterior, fazendo uma pequena abordagem às festas da religião Budistas. Referindo o preenchimento do passaporte das religiões.	5'	Passaporte (An.04)	
			- Visualização e interpretação de uma pintura, musica e alguns objetos sobre o Confucionismo	5'	Computador e projetor Pintura (An.11)	
			- Projeção de um PowerPoint sobre a religião: Confucionismo.	15'	Computador e projetor PPT (An. 12)	
			- Diálogo orientado em torno da mensagem veiculada pelo PowerPoint.	10'	Computador e projetor PPT (An. 13) Crucigrama (An. 14)	
			- Resolução de crucigrama sobre Abraão	3'		
			- Síntese	2'	Tabela de Comportamento (An.03)	
			- Apresentação de um objeto significativo para os dois elementos escolhidos na lição anterior (Daniel).			
			- Avaliação do comportamento			

Síntese: - Confucionismo acreditava no Céu como Deus pessoal, cuja vontade se manifestava no universo dos valores éticos. A sua visão é fundamentalmente humanista e racionalista. Deus revela-se a Abraão e a sua descendência, ao longo dos tempos, professaram a fé num só Deus.

Sumário:- A ultima das religiões Abraâmicas: O Islão

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
<p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> <p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p>	<p>4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas</p>	<p>• As Religiões abraâmicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ Cristianismo, Judaísmo, Islão ➢ Marcos essenciais da história das religiões; ➢ Textos sagrados e princípios básicos da fé; ➢ Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; ➢ “Cidades Santas” e locais de culto. <p>A diversidade no contexto da mesma fé</p>	<p>- Acolhimento (com disposição dos alunos em U na sala de aula.) e sumário projetado, ouvindo uma musica Islâmica.</p> <p>- Revisão da aula anterior, fazendo uma pequena abordagem ao Credo, mostrado no final algumas imagens cristãs, mas de origens diferentes.</p> <p>- Projeção de um PowerPoint sobre o Islão, com diálogo orientado.</p> <p>- Resolução e correção de pequenos exercícios.</p> <p>- Visualização de dois pequenos vídeos: o que é o Islão; A expansão das Religiões.</p> <p>- Síntese</p> <p>- Apresentação de um objeto significativo para os dois elementos escolhidos na lição anterior.</p> <p>- Avaliação do comportamento</p>	<p>5'</p> <p>10'</p> <p>20'</p> <p>5'</p> <p>3'</p> <p>2'</p>	<p>Computador e projetor Musica (An.21)</p> <p>Passaporte (An.04) Pinturas (An. 22)</p> <p>Computador e projetor PPT + exercícios (An. 23)</p> <p>Vídeos (An. 24)</p> <p>Tabela de Comportamento (An.03)</p>	<p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - empenho - interesse - participação <p>- Tabela de comportamento</p>

Síntese: - No Islão, Alá é o único Deus e Maomé é o seu último profeta.

Sumário:- O Diálogo inter-religioso.

- Ficha de consolidação.
- Jogo sobre as religiões.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	Todos temos origem em Deus; a fraternidade universal. O diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum.	- Acolhimento (com disposição dos alunos em U na sala de aula.) e sumário projetado.	5'	Computador e projetor	Observação direta: - empenho - interesse - participação
			- Revisão da aula anterior, fazendo uma abordagem ao diálogo inter-religioso, mostrado o vídeo sobre a expansão das religiões.	5'	Passaporte (An.04) Vídeo (An. 27) PPT (An.28)	
			- Síntese	15'	Computador e projetor Ficha de consolidação (An. 29) Jogo (An.30)	
			- Realização da ficha de Consolidação	3'		
			- Jogo sobre as Religiões	2'	Tabela de Comportamento (An.03) Crachá (An.31)	- Tabela de comportamento
			- Apresentação de um objeto significativo para os dois elementos escolhidos na lição anterior.			
- Avaliação do comportamento						
			- Entrega do crachá das Religiões			

Síntese: - O diálogo com outras crenças é suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos.

4.2. Conclusões sobre a operacionalização da Unidade Lectiva

Durante a lecionação desta UL houve algumas aprendizagens que, enquanto docente, me foram proporcionadas. Foi feita uma aprendizagem, de acordo com as correções feitas quer pelo Professor Cooperante quer pelo Professor Orientador da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, em relação à necessidade de consolidar cientificamente as introduções aos conteúdos apresentados e também à obrigatoriedade de vincar os diferentes momentos da aula fazendo sínteses objetivas dos conteúdos apresentados e trabalhados.

Para além do que já foi referido anteriormente, a prática letiva permitiu-me perceber que as aulas têm de ser significativas para os alunos e que a primeira preocupação deve ser este fator de pensar no cumprimento estrito dos tempos ou estratégias na planificação, por isso uma das aprendizagens foi aprender a gerir a viver calmamente a aula, estando assim mais disponível para os momentos de aula não planificados, e ao mesmo tempo tentar que as passagens dos momentos da aula sejam feitas normalmente e não forçados.

Foi possível, ainda, melhorar a minha prática docente por meio do trabalho colaborativo, isto é, da produção de materiais pedagógicos e da melhoria nas estratégias e atitude docente em sala de aula através da partilha de experiências e das correções feitas pelos colegas, Tânia Brites e João Brandão, tal como do Professor Cooperante.

Procurei utilizar ao longo das aulas dadas estratégias diversificadas, com recurso a materiais atrativos, de boa qualidade. Utilizei alguns materiais já existentes quando eles se adequavam às necessidades da aula, adaptei outros e produzi alguns novos, sempre procurando que estes fossem motivadores para os alunos e adequados aos objetivos da aula. À medida que fui conhecendo melhor os alunos, também foi possível selecionar as estratégias mais adequadas e os materiais mais motivadores. Estes materiais pedagógicos tiveram também em conta as limitações da sala em que se deu a lecionação (tendo em conta que durante grande parte do dia, a claridade na sala de aula era tanta que impossibilitava ou condicionava o uso do projetor,

nomeadamente a visualização de vídeos), a importância de diversificar e testar diferentes estratégias e, também, a sensibilidade e motivação dos alunos face a determinadas estratégias.

A lecionação da UL foi sempre trabalhada tendo em conta um fio condutor, tendo elaborado a dinâmica do passaporte das religiões como forma de ligação das aulas. Procurei também relacionar o tema das religiões com pinturas, objetos ou até cheiros e aromas. Isto porque o grande objetivo do passaporte das religiões era levar os alunos a uma viagem pelo mundo, e assim conhecer as seis grandes religiões, as suas culturas, a sua arte e a sua maneira de viver. É de salientar que para os alunos foi muito importante esta interação com a arte, com as pinturas, com os objetos. Tudo isto ajudou muito na dinâmica das aulas e no interesse dos alunos. Foi interessante que ao serem questionados sobre qual das obras utilizadas nas aulas se recordavam, quase 100% dos alunos responderam os quadros das duas mulheres, isto é, Nossa Senhora e Edith Stein. O que levou a isso é algo interessante de se pensar e refletir. Será que foi o facto de estes quadros terem sido mesmo trazidos para a aula em vez de serem projetados no quadro?

Como outra forma de ligação entre as aulas, no início de cada uma, foi feita sempre uma síntese da anterior, que servia como ponto de ligação ao que ia ser dado a seguir, utilizando sempre uma pintura para a iniciar. Assim toda a unidade letiva teve um fio condutor com a ajuda do passaporte, a arte e síntese da aula anterior, no início de cada aula.

Todos os materiais elaborados foram trabalhados com o objetivo de criar nos alunos motivação, interesse e um espírito de desafio para desvendar o mistério que surgia em cada dinâmica. Em geral todos os materiais usados, quer audiovisuais, quer manuais e puzzles foram encarados com entusiasmo por parte dos alunos. Isto refletiu-se depois nos resultados da ficha de consolidação, em que as notas corresponderam às expectativas e levaram a concluir que a matéria dada foi apreendida e percebida pelos alunos.

Ao longo das aulas os alunos foram demonstrando o seu interesse, participando ativamente na realização de cada dinâmica e na resposta a cada pergunta. Para além disso, por várias vezes eram eles a intervir de forma pertinente sem serem interpelados pelo professor. A forma como comunicava e interagia com os alunos foram evoluindo ao longo das aulas. O comportamento geral dos alunos foi positivo e facilitador da aprendizagem. Os alunos no decorrer do ano foram revelando-se interessados pela disciplina de EMRC, o que não acontecia no início do ano letivo, e participam nas aulas quando lhes é solicitado com atenção e envolvimento. Embora fosse um grupo agitado e com uma pontualidade frágil, estes alunos, provenientes de três turmas de 7º ano, mantiveram-se assíduos. Tenderam para alguma dispersão e conversas entre pares quando, segundo o que nos parece, a aula se tornava mais expositiva.

Finda a lecionação desta UL, a minha análise à mesma vai no sentido de a considerar pertinente e bem organizada, mesmo achando uma unidade muito extensa e com muitos conteúdos. É uma unidade extensa, mas de extrema importância, sendo mesmo no meu parecer muito crucial. Com a análise ao programa, podemos verificar que há unidades algo extensas e com o número de aulas que se tem para lecionar, a estratégia de gestão terá que passar pela seleção de conteúdos. Na prática letiva, constatei que a UL dois, “As Religiões”, do 7ºano, para ser bem trabalhada com os alunos, exige algum tempo, pois não pode ser trabalhada a correr, tempo esse que depois poderá faltar nas outras UL. Tem que haver uma boa gestão do programa que permita lecionar as unidades todas, pois são todas importantes. É importantíssimo aqui o papel que o professor tem em cativar os alunos para este tema, que não sendo fácil é essencial. A capacidade de concentração e envolvimento dos alunos, num certo sentido, é proporcional à capacidade de o professor interagir através de materiais pedagógicos mais ou menos expositivos. Esta situação desafia o professor a tornar a aula mais dinâmicas interativas sem deixar de perder conteúdo.

Como já foi referido anteriormente sendo a adolescência uma fase de questionamento em relação a experiências e conceitos, nomeadamente de fé, transmitidos pela família, é imperativo que se aproveite este espaço-tempo para se desconstruir /construir conceitos de modo a contribuir para um desenvolvimento total equilibrado, inclusive na fé e na religião. Esta unidade tem este papel, de contribuir para trabalhar a dimensão religiosa dos nossos alunos, isto é, de ajudar na estruturação do seu sentido religioso.

É fundamental haver um maior conhecimento sobre a existência das várias religiões, de modo a compreender as tradições existentes, respeitando as suas diferenças. Pois, numa sociedade cada vez mais pluralista, torna-se necessário tomar conhecimento destas realidades, para uma melhor convivência. A compreensão do fenómeno religioso e da sua universalidade bem como as diversas manifestações religiosas e a experiência religiosa são também importantes.

Para além disto ao analisar as várias UL do 7º ano, podemos verificar que a UL dois – “As Religiões” e a UL quatro – “A Paz Universal” são complementares e ambas fundamentais e que devem ser trabalhadas em estreita ligação, relacionando os conteúdos de uma com os de outra. A meu ver até se deveriam lecionar uma a seguir à outra, visto que muitas vezes quando se termina a unidade dois – “As Religiões” os alunos questionam os professores sobre a existência de guerras entre as diferentes religiões - “se todas as religiões querem o bem, a realização do homem, porque andam em guerra entre si?”. Por isso é fundamental esta interligação entre estas duas unidades, que no fim da lecionação deveriam proporcionar aos alunos uma capacidade de compreender que todas as religiões defendem princípios, regras e valores éticos conducentes à paz, e de identificar o papel das religiões na construção da paz e de compreender a importância de promover o diálogo inter-religioso como suporte da colaboração entre os povos.

Como já referimos anteriormente, é muito difícil que os alunos tenham interesse imediato por esta UL, visto esta ser na sua maioria uma unidade repleta de conceitos, de noções,

de tradições e de culturas, muitas das vezes estranha ao meio dos alunos. Tendo isto em conta, foi importante que as planificações das aulas não terem sido só baseadas na utilização do manual. Daqui surge a necessidade de inovar e de ver na arte o seu grande potencial pedagógico. Sendo a expressão cultural estritamente ligada à dinâmica religiosa, a arte surge como meio privilegiado de transmissão cultural e religiosa. Para além disso, no contexto da disciplina de EMRC, o acesso à arte pode ser para o aluno uma via, um caminho para a transcendência. Deste modo, nos próximos capítulos iremos procurar responder a esta questão, procurando e demonstrando como é que a arte pode ajudar como mediação cultural e religiosa no contexto das aulas de EMRC.

II. A arte, alma da cultura, caminho de transcendência

1. Relação entre Religião e Cultura

A religião é uma manifestação típica do Ser Humano, ela não está presente nos outros seres vivos. E é a manifestação que, se abarcamos a humanidade inteira seja com relação ao espaço ou tempo, assume proporções extraordinárias. Os antropólogos declaram que o homem desenvolveu a atividade religiosa desde a sua primeira aparição na história e que todas as tribos, todas as populações de qualquer nível cultural desenvolvem alguma forma de religião. Todas as culturas são marcadas pela religião.²² Como diz Lluís Duch:

“De todas as maneiras, positiva e negativamente, a história antiga e a atual mostram suficientemente a impossibilidade prática da mútua ignorância, ou da mútua excomunhão sem paliativos. Toda a religião expressa-se culturalmente e toda a cultura tem dimensões religiosas.”²³

No fundo, a religião e a cultura convergem uma na outra uma vez que ambas se necessitam.

Para melhor entendermos esta relação entre religião e cultura, convém esclarecermos o que entendemos por cada uma delas, de modo a evitarmos especulações e digressões académicas, fixando-nos no essencial para a nossa apresentação.

No que concerne ao termo ‘Cultura’, vários autores têm tecido algumas reflexões teóricas na tentativa de uma definição coerente. Por isso, este termo tem adquirido diferentes interpretações, de acordo com o espaço, tempo, perceções dos grupos sociais e indivíduos, facto que tem constituído uma dificuldade em encontrar uma definição única sobre o termo. A noção

²² Cf. MONDIN, B., *O Homem, quem é ele?*, *Elementos de Antropologia Filosófica*, Paulus, São Paulo, 2015, 225.

²³ DUCH, L., *Religión y mundo moderno, Introducción al estudio de los fenómenos religioso*, PPC., Madrid, 1995, 212.

da palavra está intrinsecamente relacionada aos diferentes contextos históricos e sociais em que foi produzida, assim sendo a sua definição esteve portanto relacionada às mudanças nas estruturas das relações de força e nos distintos interesses na hora da sua formulação.

Vinda do latim cultura, que significa o cuidado dispensado ao campo ou ao gado, a palavra que teve seu sentido moderno elaborado somente no século XVIII, já era utilizada desde fins do século XIII para designar uma parcela de terra cultivada, por oposição com o terreno considerado inculto. No início do séc. XVI, o termo «cultura» já não significa um estado (terra cultivada), mas uma ação (a ação de cultivar a terra). Na metade deste século encontramos o sentido figurado do termo para designar, por exemplo a cultura de uma determinada faculdade humana, como o trabalho realizado para a desenvolver. Este sentido figurado acaba por impor-se nos finais do séc. XVII. Até o século XVIII, a evolução do termo cultura deveu-se mais a um movimento natural da língua que ao movimento das ideias. Em 1718 o termo era quase sempre utilizado seguido de um complemento ou de um objeto, por exemplo a cultura das artes, a cultura das ciências, entre outros exemplos. Mas a partir deste século o termo assumiu um sentido mais figurado, passando a designar a formação, a educação do espírito, sendo utilizado no singular para referir-se àquilo que é próprio do ser humano, à margem da distinção entre povos, classes e religiões.²⁴ Posteriormente, a cultura deixa de ser vista como ação para ser considerada como estado, referindo-se a uma pessoa que possui cultura. A referência a cultura no singular, entendida como qualidade adquirida pelo homem, reflete o universalismo da ideologia do Iluminismo. O Iluminismo reforça a ideia de uma cultura relacionada ao progresso, à evolução, à educação e à razão, conceitos chaves do pensamento da época.

Nos dias modernos o termo é fundamentalmente utilizado no plural. A dimensão cultural está sempre presente na condição humana, mas desta vez não falamos só de uma cultura mas de uma diversidade e multiplicidade de culturas. Segundo Lluís Duch, cada cultura “é um modo

²⁴ Cf. AMBROSIO, J., *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, 12.

genuíno de participação na vida e de comunicação interpessoal, de acordo com as possibilidades de todo o tipo que oferece um âmbito espaço-temporal concreto”²⁵,

Como já referimos, desde o primeiro momento da sua presença no mundo, o ser humano é um ser cultural. O Papa Francisco afirma que:

“a cultura é algo de dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve relembrar face aos próprios desafios. O ser humano «é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido».”²⁶

A cultura torna-se como uma extensão da natureza, como um edificar-se espontâneo dela sobre si mesma, com a mediação do homem. A natureza é dada, a cultura é feita. O homem que está no mundo debruça-se sobre o que o procede como dado, procurando interpretá-lo, descobrindo sentido, e assim gerando cultura. Podemos afirmar que a natureza é o mundo criado, e a cultura o mundo re-criado, este último porém manifestando-se de múltiplas formas, dependendo da diversidade dos lugares (ou dos povos) e dos tempos. A natureza designa a totalidade das coisas, tudo o que é. Mais exatamente tudo o que existe antes que o homem faça alguma coisa. De maneira oposta, a cultura é tudo o que o homem adquire, ou produz, com o uso das suas faculdades: todo o conjunto do saber e do fazer, ou seja, da ciência e da técnica, e tudo o que com o seu saber e com o seu fazer extrai da natureza. Noutras palavras, a natureza é o dado originário que foi posto à disposição do homem, ao contrário, a cultura é tudo o que o homem extrai desse dado original, mediante a sua iniciativa, a natureza como natureza é inacessível ao ser humano, porque tudo o que ele faz pensa e sente, é sempre feito, pensado e sentido a partir de uma determinada perspectiva cultural²⁷. O pensamento presente no Concílio Vaticano II vai nesse encontro ao afirmar que “A palavra «cultura» indica, em geral, todas as

²⁵ DUCH, L., *Religión y mundo moderno*, 123.

²⁶ FRANCISCO, PP., *A Alegria do Evangelho*, Paulus, Lisboa, 2013, 122.

²⁷ Cf. MONDIN, B., *O Homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica*, Paulus, São Paulo, 2015, 178.

coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por dominar, pelo estudo e pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições”²⁸. O ser humano pertence ao que podemos chamar o mundo natural. Este constitui um espaço fundamental para a sua existência. O ser humano, sem dúvida, não pode viver sem natureza. Por outro lado, vemos que a cultura é aquilo que é mais natural no ser humano. Citando a *Gaudium et Spes*: “sempre que se trata da vida humana, natureza e cultura estão tao estreitamente ligadas”²⁹. A cultura é uma realidade indispensável para compreender o próprio ser humano. O ser humano é a causa e o efeito da cultura. A cultura pode ser vista como uma “radiografia” íntegra do ser humano³⁰. D. José Policarpo acrescenta que só a cultura permite à pessoa humana assumir-se em tudo como membro de uma comunidade³¹. É através dela e do seu sistema simbólico de significação que o ser humano se consegue comunicar. Neste sentido a cultura é vista como um “conjunto sistémico de significações incarnadas em símbolos que são transmitidos num determinado processo histórico (...) permitindo a comunicação entre os indivíduos.”³²

Por sua vez definir religião não é uma tarefa fácil. Existem muitas interpretações possíveis do mesmo conceito, mas nenhuma se impôs universalmente, trata-se de um fenómeno de tal forma complexo. É neste sentido que Eduardo Duque defende que devemos

“considerar que qualquer que seja a definição de religião tem de ser, até certo ponto, “ampla” e “aberta”, correndo o risco de se considerar “indefinição”, no sentido de que é o investigador quem determina a ótica do que vai observar para definir, preferindo uns aspetos e preterindo, consciente ou inconscientemente, outros”³³

²⁸ CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 53.

²⁹ *Ibidem*, 53.

³⁰ Cf. LINDA, M., “O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho”, in *Pastoral Catequética revista de catequese e educação* 31/32 (2015) 109.

³¹ Cf. POLICARPO, J., “Cultura, escola e religião”, in *Pastoral Catequética revista de catequese e educação* 31/32 (2015) 18.

³² TEIXEIRA, A., *Património Religioso e Transmissão Cultural*, Documento não publicado para uso dos alunos da disciplina de Património Religioso e Transmissão Cultural, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016, 5.

³³ DUQUE, E., *Mudanças culturais Mudanças Religiosas. Perfis e tendências da Religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*, Húmus, V. N. Famalicão, 2014, 23.
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16493/3/MUDAN%C3%87AS%20CULTURAIIS%20ED.pdf>

Esta complexidade associada à definição de Religião deve-se ao conjunto de manifestações com que, ao longo da História, o fenómeno religioso se apresentou e cujos elementos se tornaram ainda mais variados. A definição que vamos ter de religião vai depender sempre do seu contexto sociocultural e histórico em que é elaborada e da perspectiva teórica que lhe dá sustentação, daí a existência de diversas interpretações para o mesmo conceito. Como já referimos não existe um consenso sobre a definição de religião, até porque esta, enquanto ação cultural, sofre um constante processo de mudança, adquirindo por vezes determinados ênfases e por vezes outros³⁴.

O contexto cultural influencia muito a definição de religião. Temos o exemplo das sociedades ocidentais, onde se associa a religião à relação com algo transcendente, onde ela aparece como mediação entre o homem e o Sagrado, podemos vê-lo por exemplo no caso da cultura judaico-cristã, onde a religião aparece como meio de alcançar este Deus que se apresenta como transcendente. Já nas sociedades orientais, nas quais a cultura é na grande maioria budista e hinduísta, a ideia deste Deus único e transcendente não está presente. Aqui, a religião não nos aparece só como uma ligação a algo superior e transcendente, mas como uma ligação à própria natureza, a todos os seres vivos, visto que para estas culturas, Deus está presente em tudo.³⁵

Um dos significados mais típicos de religião, que assenta na própria origem etimológica da palavra, é *re-ligare*, religar, unir pessoas em torno de uma fé, o que une Deus ou os deuses ou qualquer outra entidade sobrenatural aos homens. Religião, segundo Donizete Rodrigues, é o laço que liga o Homem ao Sagrado e que o impede de se sentir perdido no meio de um mundo que nunca dominará totalmente³⁶.

³⁴ Cf. RODRIGUES, D., *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, Edições Afrontamento, Porto, 2007, 41-43.

³⁵ Cf. PEREIRA COUTINHO, J., “*Religião e outros conceitos*”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, 2012, 176.

³⁶ Cf. RODRIGUES, D., *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, 42.

O termo religião tem origem latina, *religio*, significado que se impôs no ocidente, apesar deste, não ter apenas um sentido. Ao olharmos para a etimologia da palavra *religio*, deparamo-nos com dois caminhos. O primeiro surge com Cícero, para ele o termo tem a sua origem no verbo *legere* (recolher, juntar a si) - *re-legere*. Desta forma o comportamento religioso pautar-se-ia por uma atitude de cuidado e de disciplina. Para Cícero, o termo religião não se refere propriamente a um campo separado da experiência humana, mas à disposição interior que anima certos comportamentos³⁷. Para Lactâncio dá um outro significado ao termo *religio*, para ele este descreve o vínculo de piedade que une Deus à humanidade, ao qual o crente responde, numa atitude de obediência, como a um Pai. Nesta perspetiva o termo *religio* tem a sua origem em *religare* (voltar a ligar). Assim o termo religião, para o cristianismo, vai aparecer como “experiência simbólica onde se (re) liga o céu e a terra, a humanidade e Deus, o mundo, o criador, e os crentes entre si, constituindo uma comunidade”³⁸

Podemos perceber que a religião se caracteriza pela sua referência transcendente, a qual se manifesta na cultura através de formas concretas, de atitudes, gestos e linguagem.³⁹

Segundo Eduardo Duque, a religião surge como

“um conjunto de crenças e valores, dadores de estabilidade, dinâmica e sentido, organizados em representações simbólicas e referentes a uma realidade que transcende o indivíduo. Esta definição supõe o ajuste do espírito humano à realidade, com toda a sua carga simbólica e imaginativa que esta envolve. Falamos de ajuste porque, em rigor, a religião implica uma situação, isto é, um contexto humano e social.”⁴⁰

Deste modo, e tal como refere Eduardo Duque, a religião aparece como um fenómeno social na origem, no seu conteúdo e na sua finalidade e a causa objetiva, universal e eterna das

³⁷ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual de Educação Moral e Religiosa Católica, Unidade Letiva 05, A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo*, Lisboa, SNEC, 2015, 7.

³⁸ *Ibidem*, 8.

³⁹ Cf. *Ibidem*, 8.

⁴⁰ DUQUE, E., *Mudanças culturais Mudanças Religiosas. Perfis e tendências da Religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*, 25.

experiências religiosas é a sociedade, e é por isso quando se está a tentar definir o que é religião, nunca se deverá esquecer esta dimensão comunitária. A religião é um facto universal e um fenómeno necessário à vida coletiva pois tem como finalidade a administração do sagrado⁴¹. A religião surge para o homem como que uma fonte para uma resposta integral ao problema do seu sentido da vida e do seu destino, encaminhando-o a um ser superior e transcendente.

Tendo em conta o que já foi dito, podemos afirmar que para podermos compreender verdadeiramente quem é o Homem, é necessário termos em conta a cultura e a religião. Ambas as dimensões não podem ser excluídas nem separadas uma da outra. Toda a religião expressa-se culturalmente e toda a cultura tem dimensões religiosas⁴².

Segundo Lluís Duch não pode haver religião à margem da cultura, isto porque a própria conceção da religião é correlativa, permanecendo inseparável da maneira concreta como, em cada tempo e em cada espaço, o ser humano se situa perante o absoluto, perante a realidade e perante si mesmo⁴³. É no concreto da história, no meio de todas as potencialidades, fragilidades e condicionalismos de uma cultura que pode irromper a presença da transcendência.

Para o ser humano o transcendente só pode acontecer e tornar-se presente no seu viver como «transcendente encarnado», isto é, a experiência transcendental, por ser característica da pessoa, só pode acontecer numa história concreta, não no abstrato. Não há experiência transcendental sem uma história que lhe dê tempo e espaço de concretização. “O homem não realiza a sua subjetividade transcendental fora da história, numa experiência meramente interna, nem apreende essa subjetividade de forma a-histórica”.⁴⁴ Precisa dela para se posicionar na sua procura de sentido e de respostas existenciais. A dimensão transcendental vive da necessidade de uma materialização que a torne perceptível e comunicável. Do mesmo modo, cada momento histórico pode revelar-se mais ou menos propício para essa manifestação transcendental. A

⁴¹ Cf. MONDIN, B., *O Homem, quem é ele? Elementos de antropologia Filosófica*, 248.

⁴² Cf. AMBROSIO, J., *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, 14.

⁴³ Cf. DUCH, L., *Religión y mundo moderno*, 125.

⁴⁴ RAHNER, K., *Curso fundamental sobre la fe: Introducción al concepto de cristianismo*, 174.

própria identidade do Transcendente ajuda a entender a necessidade da dimensão cultural na religião. A identidade religiosa é uma tarefa nunca definitivamente acabada, mas sempre necessitada de novas reconfigurações, nos diferentes momentos da história da humanidade e da história individual de cada ser humano. A abertura ao transcendente, apesar de ser ontológica, pode ver-se condicionada pela história em que a pessoa se insere. A experiência transcendental precisa, portanto, de uma história para poder acontecer e pode mesmo ser negligenciada pela própria história. Ainda assim, a abertura ao transcendente não pode ser eliminada da existência humana, pois é-lhe ontologicamente estrutural. Segundo Rahner esta abertura ao transcendente é fundamental porque é nela que o homem, ao tomar consciência de si, dos outros e do mundo, se torna presente e aponta para o seu fundamento. O ser humano também é um ser da experiência sensível. Neste sentido o conhecimento religioso é necessariamente sustentado pela percepção, a qual se baseia na experiência sensível e histórica.⁴⁵ Em última análise, também a história/cultura humana não pode existir sem a capacidade transcendental do ser humano.

A história vê-se superada pela experiência transcendental porque a sua origem e o seu horizonte são infinitos; “a experiência transcendental tem a sua fonte fora do domínio do contingente”.⁴⁶

Cultura e religião são certamente duas realidades distintas e com identidades próprias. Uma não se reduz à outra, mas necessitam-se. Cultura tem a ver com tudo aquilo que é específico do ser humano. Para viver humanamente ele precisa de compreender, de significar, de atribuir sentido, passando do caos ao cosmos, fazendo que o mundo que o rodeia seja o seu mundo, transformando a vida sentida em vida com sentido. A cultura é tudo aquilo que resulta desta dinâmica, e tudo aquilo que o ser humano faz para realizar esta dinâmica. A realização do ser humano implica obrigatoriamente a cultura. A religião está intimamente relacionada com a

⁴⁵ Cf. DUQUE, J., *A arte como teologia a partir de K. Rahner*, https://www.academia.edu/14171195/A_arte_como_Teologia_a_partir_de_K_Rahner consultado a 06.08.2020.

⁴⁶ TERRA, Domingos. “Experiência transcendental e existência concreta: Explorando o pensamento de Karl Rahner”, in *Didaskália* 37:1 (2007), 186. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8768/1/V03701-177-196.pdf>, consultado a 11.08.2020.

procura do Absoluto que parte da experiência de se saber e sentir um finito mas com sede e necessidade do infinito, trata-se de uma dimensão sempre presente e que define o ser humano como tal. É através desta relação religião-cultura que poderemos compreender que os fenômenos religiosos têm inevitavelmente um carácter sócio-cultural, que acaba por se traduzir numa multiplicidade e diversidade de expressões. É esta multiplicidade das expressões religiosas que irá possibilitar o ser humano ser sempre um possível *Homo Religiosus*, bem como a possibilidade de cada indivíduo poder fazer na sua história a experiência do Absoluto⁴⁷.

O homem, aberto ao transcendente, é o construtor da história e é essa sua estrutura transcendental que lhe permite questionar-se sobre o passado vivido e projetar-se para um futuro que o transcende. Verifica-se, deste modo, que a construção da história/cultura e a experiência transcendental são interdependentes. O ser humano caracteriza-se por uma experiência transcendental que tem a sua origem no mistério absoluto e essa experiência só se realiza, verdadeiramente, na história em que o homem vive e da qual é, também, construtor. Esta experiência requer sempre uma concretização em cada momento e em cada lugar, exigindo assim da tradição cultural, tal como esta exige da dimensão religiosa, no sentido de o ser humano consiga realizar a sua tarefa. Nesta perspectiva o religioso descobre-se como uma dimensão transversal do fenómeno humano, que trabalha na realidade social segundo formas diferentes consoante os espaços culturais.⁴⁸

⁴⁷ Cf. AMBROSIO, J., *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, 19.

⁴⁸ Cf. TEIXEIRA, A., *Património Religioso e Transmissão Cultural*, 39-40.

2. A Arte como expressão da Cultura

A arte e a cultura estão sempre presentes no nosso dia-a-dia, mesmo que nós não nos apercebamos da sua presença. Porém os termos “Arte” e “Cultura” são frequentemente utilizados como sinônimos um do outro, como se possuíssem um mesmo significado. Entretanto, isso é um equívoco que decorre do fato de haver mais de uma concepção para ambos os termos.

Como já foi referido anteriormente, podemos afirmar que a cultura envolve tudo o que fazemos, pensamos e sentimos. Nada mais é do que um sistema de atitudes, valores e significados partilhados nas formas incorporadas, expressas e simbólicas. A política, as construções, as festas, entre outros elementos, podem ser vistos como exemplos de manifestações culturais.

Relativamente à arte o que podemos dizer? O que é e o que não é Arte? Porque existe a Arte? Quais são os seus fins? Quais as suas origens? Estas e outras interpelações têm surgido no homem ao longo dos tempos, sem, contudo, ter conseguido ainda encontrar uma resposta que inteiramente o enchesse.

A arte é uma das manifestações que acompanha o homem desde a antiguidade mais remota, no sentido que esta é vista como uma forma de trabalho, e o trabalho é tido como uma característica do homem, nesta sua relação com a natureza.⁴⁹ Através dela o ser humano expressa-se desde os tempos mais remotos, podemos dizer que a expressão artística é a forma que o homem encontra para representar o seu meio social. Segundo Fischer “a arte é quase tão antiga quanto o homem”⁵⁰.

Na Grécia Arcaica, antes do surgimento da filosofia e de outros modos de conhecimento, a arte já era parte fundamental na educação. No modelo de educação que os gregos da

⁴⁹ Cf. FISCHER, E., *A Necessidade da Arte*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983, 21.

⁵⁰ *Ibidem*, 21.

antiguidade praticavam, pode-se reconhecer a importância das três dimensões humanas no processo de formação dos homens, sendo elas: a dimensão epistêmica (conhecimento), dimensão ética (moral) e a dimensão estética (beleza e arte).

Assim a arte é utilizada como uma tentativa de transformação da natureza. O homem cria a arte como uma forma de sobreviver no meio, de expressar o que pensa, de divulgar as suas crenças, para estimular e distrair a si mesmo e aos outros, para explorar novas formas de olhar e interpretar objetos e acontecimentos, ela surge mais por necessidade de adaptação em favor do homem. Segundo Fischer, “nos alvares da humanidade a arte pouco tinha a ver com “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência.”⁵¹

A arte é vista como conhecimento, como uma marca da presença do ser humano num determinado espaço, a qual expressa para os outros as suas ideias, sentimentos e emoções sobre um determinado assunto, portanto a arte tem a intenção de mostrar como as coisas podem ser de acordo com uma determinada visão e não uma visão de como as coisas são, no entanto, a arte é uma representação simbólica do mundo humano.

Como já foi referido a arte mostra-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos, a expressão artística surge como uma forma que o homem encontra para representar o seu meio social. Sem dúvida, ela pode ser considerada como sendo uma necessidade de expressão do ser humano, surgindo como fruto da relação homem/mundo. Por meio da arte a humanidade expressa suas necessidades, crenças, desejos, sonhos. Todos têm uma história, que pode ser individual ou coletiva. Este é um método que aproxima as pessoas, tornando possível o reconhecimento das semelhanças e das diferenças vinculadas pelos produtos artísticos com as suas respectivas visões estéticas. As representações artísticas nos oferecem elementos que facilitam a compreensão da história dos povos em cada período. A arte

⁵¹ FISCHER, E., *A Necessidade da Arte*, 45.

sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. Fischer destaca que a arte nunca foi uma produção de origem individual, mas sim, coletiva, tendo sempre a sua origem numa necessidade coletiva⁵².

O ser humano utiliza a arte para dialogar com o meio em que vive, e a arte somente tem sentido quando a sua representação for uma representação social. Não é apenas por meio do vocábulo que as pessoas se comunicam. Muito do que conhecemos pela maioria das pessoas, épocas e povos, se dá pelo conhecimento por meio de poesias, pinturas, danças, músicas, filmes, moda, teatro entre outros. Estes componentes culturais despertam em nós uma sensação agradável ou não, ajuda a edificar o nosso senso crítico, a descobrir o que gostamos ou não, julgar e apreciar as diversas culturas através de suas formas artísticas. Na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, também é sublinhado esta tão grande importância da arte, ao referir que:

“a literatura e as artes são também, segundo a maneira que lhes é própria, de grande importância para a vida da Igreja. Procuram elas dar expressão à natureza do homem, aos seus problemas e à experiência das suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; e tentam identificar a sua situação na história e no universo, dar a conhecer as suas misérias e alegrias, necessidades e energias, e desvendar um futuro melhor. Conseguem assim elevar a vida humana, que exprimem sob muito diferentes formas, segundo os tempos e lugares.”⁵³

A arte é uma linguagem constituída por códigos, sinais e representações ligadas a sentimentos, ideias e materiais com significados, fazendo parte de qualquer cultura e possuindo uma função estética e criativa muito importante, pois constrói e oferece novos rumos às formas de expressão através dos seus conteúdos. A arte surge então como um processo de “figuração [...] que implica a criação de figuras específicas, as quais formam, no tecido das suas relações, aquilo a que chamamos culturas”⁵⁴. João Duque afirma ainda, que a cultura é reabilitada pelas

⁵² Cf. FISCHER, E., *A Necessidade da Arte*, 47.

⁵³ *Gaudium et Spes*, 62.

⁵⁴ DUQUE, J., “Fé e arte,” in *Brotéria*, 5/6 (2001) 451.

figuras instauradas pela arte, fazendo com que seja possível assim determinar a identidade de uma cultura⁵⁵. Acrescenta ainda que a arte é “provavelmente, a mais importante ação figurativa de uma cultura”⁵⁶.

Depois desta reflexão sobre arte e cultura podemos afirmar de forma sucinta que a arte e a cultura estão totalmente ligadas, pois é através da arte que conseguimos diferenciar, apreciar e adquirir conhecimentos das diferenças entre uma cultura e outra, visto que na arte são impressas sentimentos, formas e cores que dizem muito sobre a pessoa que a fez, que por sua vez possui uma história enriquecida por sua cultura, apanhada por uma sociedade, e que o diferencia das demais, tornando a arte um produto único em cada canto do mundo, sendo uma força de expressão livre para todos e por todos. Assim cultura é algo mais abrangente, pois refere-se a todos os “bens” que o ser humano coloca no mundo, por meio do seu trabalho, dentre os quais podemos citar: a religião, a ciência, a moda, a culinária e, inclusive, as máquinas e os seus produtos, entre tantos outros exemplos. Ou seja, são bens que envolvem as dimensões filosóficas, artísticas e científicas do fazer e do conhecer. A arte, por sua vez, representa apenas um “pedaço” da Cultura, embora tenha um expressivo alcance, por estimular de diferentes formas os nossos sentidos e estar intrinsecamente relacionada a ela.

Sendo a arte uma capacidade especificamente humana, semelhante à linguagem, esta apresentasse como um sistema de comunicação complexo, o qual se relaciona com a atividade sinalética e simbólica. Daqui surge a importância e a urgência de se educar para o simbólico e educar o olhar. Esta expressão enraíza-se numa atividade, também ela própria do ser humano, que é a cultura. Como expressão e como linguagem, a arte pressupõe uma certa intencionalidade e sociabilidade, daí que tenha sido utilizada desde o começo da humanidade. Podemos afirmar que a arte humaniza, quando esta coloca o indivíduo em contato com outro indivíduo. Quando lhe mostra que o outro também pertence ao mundo. Através do conhecimento das outras

⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 452.

⁵⁶ *Ibidem*, 451.

culturas e religiões pode-se aprender e a respeitar os diferentes valores existentes na sociedade em geral. Toda a forma genuína de arte apresentasse como um caminho de acesso à realidade mais íntima do homem e do mundo, constituindo um meio de aproximação ao horizonte da fé, onde o ser humano encontra a sua plenitude⁵⁷.

Tendo estas noções em conta, iremos nos próximos pontos perceber de que forma o cristianismo vê e usa a arte como linguagem e expressão da sua espiritualidade. E de que forma a disciplina de EMRC pode ter na arte uma preciosa aliada, tanto na sua capacidade de ser símbolo e como também na sua capacidade de interpelar e por questões no interior do coração humano para assim os encaminhar na compreensão da experiência religiosa.

⁵⁷ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, Paulinas, Lisboa, 1999, 6.

3. O sentido teológico e espiritual da arte cristã

Como já vimos anteriormente, é através da arte que o homem exprime toda a sua realidade enquanto ser vivente, racional, consciente, livre e também religioso. Pela arte, o homem exprime aquilo que julga ser inexprimível. Por isso, a arte acompanhou, desde sempre, as expressões mais profundas do sentimento religioso do homem.

As religiões surgem como espaços onde as questões mais profundas do Homem são consideradas e onde se busca uma resposta. É na busca dessa resposta, que a arte desempenha um papel fundamental. A arte, como a religião, estimula e desafia a totalidade do ser humano.

Como iremos ver, a arte esteve sempre intimamente ligada ao facto religioso. Arte e religião aparecem ligadas entre si, como se fossem parentes. Nesta ligação, a religião produz arte e influi na arte, e a arte desperta o sentido religioso.

3.1. A arte face ao mistério do Verbo encarnado

Ao que parece, a arte nunca foi estranha aos primeiros cristãos. Somente nos primeiros anos do cristianismo ela era quase ausente. Esta ausência poderá ter razões: a desconfiança em relação à arte pagã; poucos recursos, já que a comunidade cristã era pouca numerosa e formada na sua maioria por pessoas vindas de classes inferiores, e também a falta de artistas comprometidos com esta nova fé⁵⁸. Só podemos falar em arte cristã de modo mais apropriado a partir da Paz de Constantino que, com o seu Edito de Tolerância, em 313, permitiu aos cristãos construir templos. Assim rapidamente a arte cristã toma feições próprias. Antes deste acontecimento podemos que dizer que era mais uma adaptação das técnicas e ate mesmo dos

⁵⁸ Cf. SCOMPARIM, A., *A Iconografia na Igreja Católica*, Paulus, São Paulo, 2008, 11.

temas vindos do paganismo, a imagética e as referências simbólicas. Assim devemos considerar o século IV como o século da origem da arte crista autónoma⁵⁹.

O culto das imagens também conheceu várias fases. No princípio vemos que era usado como objeto de ilustração catequética. A utilização das imagens foi praticamente legitimada no ano de 787, no II Concílio Ecuménico de Nicéia. Nesse momento, no Oriente, movimentos iconoclastas destruíam imagens do Cristo, da Virgem e dos santos, visando acabar, assim, com a idolatria⁶⁰. A iconoclastia começou com o Edito do imperador Leão III que proibia o culto e a produção de imagens⁶¹. Se os soberanos pontífices e padres dos diversos Concílios SE mostraram, no Ocidente, preocupados em deixar as artes religiosas se desenvolverem, no Oriente o clero exerceu sobre elas uma severa vigilância. Entre aqueles que consideram a pintura, o mosaico e a escultura como preciosos auxiliares da evangelização, e os iconoclastas (destruidores de imagens), explode um grande conflito no século VIII, no ano de 726, que só termina em 843. A história da luta iconoclasta conheceu dois períodos. O marco divisor desses dois períodos é o II Concílio de Nicéia, convocado pela imperatriz Irene (787), que restabelece o culto aos ícones, mas, neste caso, os ícones assumem uma outra dimensão de ordem espiritual⁶². Porém, Leão V, em 815, desautoriza o II Concílio de Nicéia e promove uma implacável perseguição aos iconófilos (defensores dos ícones). Em 843, a regente Teodora consegue finalmente restabelecer o culto das imagens.

Os iconoclastas procuram acentuar o carácter particularista da Igreja de Constantinopla face à Igreja de Roma, este também é o grande momento da primeira expansão do Islão. Consideravam o culto das imagens uma forma de idolatria e lutaram contra ele, inclusive pela destruição de imagens sacras. Segundo o Catecismo da Igreja Católica a idolatria

“não diz respeito apenas aos falsos cultos do paganismo. Continua a ser uma tentação constante para a fé. Ela consiste em divinizar o que não é Deus. Existe idolatria desde que o

⁵⁹ *Ibidem*, 12.

⁶⁰ O iconoclasmo é o nome que se dá à repressão violenta promovida pelos imperadores bizantinos ao culto de imagens, que durou mais de um século e que fez incontáveis vítimas.

⁶¹ Cf. GHARIB, Georges. *Os ícones de Cristo: história e culto*, Paulus, São Paulo, 1997, 20-22.

⁶² Cf. CARDOSO, I. M. A., *Encarnação e Imagem*, Paulus, Lisboa, 2015, 129-149.

homem honre e reverencie uma criatura em lugar de Deus, quer se trate de deuses ou de demónios (por exemplo, o satanismo), do poder, do prazer, da raça, dos antepassados, do Estado, do dinheiro, etc.”⁶³

A crise iconoclasta alcançara uma rara violência, alastrando-se de Constantinopla para outras partes da cristandade. Imagens do Cristo, da Virgem e dos Santos, mosaicos e esculturas reproduzindo essas figuras, tudo foi proscrito ou destruído. Roma ergueu-se contra os iconoclastas já em 731, condenando-os através de um Concílio romano. Mais tarde, o Papa Paulo I (757-767) acolheu artistas bizantinos expulsos pela fúria iconoclasta. Coube ao Papa Adriano presidir ao II Concílio Ecuménico de Nicéia, em 787, mediante os seus legados, onde se afirmou que “Quem venera uma imagem, venera a pessoa que ela representa.”⁶⁴

Ficava definido, assim, que de modo semelhante à sagrada cruz, as santas imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santa Mãe de Deus, dos santos homens e dos anjos, pintadas, em mosaico ou outra matéria conveniente, deveriam ser expostas nas igrejas, nos vasos, em ornamentos, em quadros e paredes. Definia ainda que a veneração prestada às imagens não se deveria confundir com o culto de adoração prestado unicamente a Deus, estava em jogo formas de representação mas também formas de transmissão da tradição religiosa. A veneração (e não adoração) prestada a essas imagens não constitui idolatria, porque através da homenagem e da imagem, a adoração se dirige ao protótipo. Assim quem adora uma imagem, adora a pessoa que ela representa. Tratava-se da conformação de formas de representação da realidade e a sua hierarquização.

Ensinar de outra maneira ou inventar alguma novidade em relação às coisas sagradas da Igreja, entre elas as imagens e relíquias de santos, seria punido: se fossem bispos ou clérigos, seriam depostos; caso fossem monges ou leigos, seriam submetidos à excomunhão. A posição

⁶³ *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2010, nº2113.

⁶⁴ LEROY, A., *Nascimento da arte cristã: do início ao ano mil*. Trad. Rose Marie G. Muraro, Flamboyant, São Paulo, 1960, 50.

da Igreja Católica romana, do Ocidente em relação às imagens praticamente se definiu nesse Concílio.

Essa decisão no II Concílio de Nicéia reafirma as palavras do Papa Gregório, que no século VII disse que “uma coisa [...] é adorar uma pintura, outra é apreender por uma cena representada o que se deve adorar. Pois o que o escrito oferece às pessoas que lêem, a pintura o fornece aos analfabetos que a olham, já que estes ignorantes vêem o que eles devem imitar; as pinturas são a leitura daqueles que não conhecem as letras, de forma que desempenham o papel de uma leitura, principalmente entre os pagãos”⁶⁵.

Tentando opor um Concílio ocidental ao II Concílio de Nicéia, o imperador Carlos Magno realizou o Concílio de Frankfurt, no ano de 794, com a participação de bispos do reino Franco e das ilhas Britânicas e dois representantes do Papa. Carlos Magno não queria reconhecer o carácter ecuménico do II Concílio de Nicéia. Houve falhas nas traduções dos textos originais, em grego, para a cristandade ocidental. Principalmente no que se referia às imagens, a tradução não foi clara, suscitando dúvidas e discussões. Esse foi um dos motivos que levou Carlos Magno a realizar o Concílio de Frankfurt. Mas o Papa Adriano I (772-795) reconheceu o II Concílio de Nicéia como o sétimo Concílio Ecuménico.

As representações das fases da vida de Jesus tornaram-se, ao longo da história do cristianismo, o recurso pelos quais os fiéis procuraram se aproximar do Filho de Deus. As reproduções da história sagrada tornaram-se o “catecismo dos iletrados”, como afirmavam os escritores antigos. As gerações cristãs procuravam, através dessas representações, subir ao Invisível, passando pelo visível que Cristo nos apresentou. Pretendia-se uma certa espiritualização das representações iconográficas, entendidas como mediações.

Roma, assim, definia a utilidade e o papel da arte sacra, fazendo uso inclusive de esculturas, diferentemente da Igreja do Oriente. No século XVI, o Concílio de Trento⁶⁶

⁶⁵ VERDON, T., *O sacerdote e a arte sacra*, [www.clerus.org/clerus/dati/2009-07/22-13/II sacerdote e arte sacra pt.html](http://www.clerus.org/clerus/dati/2009-07/22-13/II_sacerdote_e_arte_sacra_pt.html), consultado a 04.03.2019.

⁶⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO, <http://agnusdei.50webs.com/trento30.htm>, consultado a 17.08.2019.

reafirmou os dados essenciais do Concílio de Nicéia II em relação às imagens, subordinando a arte ao dogma, voltando-a à propagação da fé católica. Afirmava esse Concílio que deveriam ser conservadas nas igrejas, imagens de Cristo, da Virgem Maria e de santos, não por se crer que haja nessas imagens alguma divindade, não para se fazer algum pedido a elas, ou para prestar a elas um culto que só é devido a Deus, mas sim porque quando nos prostramos diante das imagens, nossa adoração se dirige à pessoa que ela representa, seja Jesus Cristo, a Virgem Maria ou algum dos santos. Definia também o Concílio de Trento que as reproduções artísticas das histórias e dos mistérios de nossa redenção serviriam à instrução do povo. Essas reproduções provocam no povo a recordação dos benefícios e dons concedidos por Cristo, e também colocam diante dos olhos dos fiéis a obra de Deus realizada através dos santos homens e de seus exemplos. Mas o Concílio proibia exposição de qualquer imagem portadora de falso dogma e mandava, ainda, que se ensinasse ao povo que a divindade não pode ser percebida com os olhos ou o corpo, nem expressada através de cores ou formas. Após o Concílio de Trento, a Igreja Católica não mudou a sua posição favorável às imagens.

A função da imagem é ser uma ponte de união entre o homem e Deus. Ela não pode ser um muro de separação. Como exemplo disso, temos os ícones ortodoxos que são colocados sobre o painel que está entre o santuário e a nave da igreja ortodoxa. Esses ícones funcionam como verdadeiras janelas para o céu. Ao contrário do que pode parecer, para quem não conhece a teologia ortodoxa, a iconóstase não é construída como elemento de separação, mas paradoxalmente como elemento de ligação. Por isso uma imagem que chame a atenção sobre si mesma torna-se um ídolo, pois perde a sua função sacramental.

A importância das imagens é muito maior na Igreja oriental do que na ocidental. Aqui no Ocidente, a imagem é considerada comumente como um objeto de decoração e de devoção com função mais pedagógica, a Bíblia dos iletrados.

3.2. O Artista como “construtor” de beleza⁶⁷

“Disse Deus: «Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança”. Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher»” (Gn 1, 26-27).

O ser humano enquanto ser cultural é com efeito um ser simbólico e religioso. O *homo sapiens* é implicitamente o *homo symbolicus* e o *homo religiosus*. o que diferencia o ser humano dos animais é a sua habilidade para aprender e as suas relações sociais. Entendemos que o que valoriza o homem, é o valor do seu trabalho. E, na arte, onde está o seu valor? A arte como já vimos é uma capacidade específica do ser humano, e é através dela que o homem se comunica com os outros e com o transcendente. O que dirá Fé Cristã sobre este assunto? Porque é que o ser humano tem esta ligação tão íntima com a arte?

Para podermos encontrar uma resposta, devemos primeiramente responder à grande questão da Humanidade - Quem é o ser humano? O que é o homem? Esta é uma pergunta que o homem não cessa de procurar uma resposta ao longo da sua história, é possível dizer que não haja homem nenhum, que não a tenha posto a si próprio. Desde que ele pare por um instante, na correria do dia-a-dia, desde que faça silêncio, esta pergunta apresenta-se dentro deste universo interior tao desconhecido a todo o homem. Esta não é uma pergunta que se refira a algo exterior, ou a qualquer fato ou coisa, mas sim a algo que nos toca a nós diretamente, ao nosso ser, à nossa origem e ao nosso destino. É uma questão que não podemos nem evitar, nem contornar, nem passar aos outros.

⁶⁷ Expressão utilizada pelo Papa João Paulo II ao mencionar os artistas na sua carta – “Ninguém melhor do que vós, artistas, construtores geniais de beleza” - JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 5.

A Sagrada Escritura, a Tradição Cristã e o Magistério concordam que todos os seres humanos são criados à Imagem de Deus⁶⁸. Em resposta a esta questão, e de acordo com a Sagrada Escritura, mais nomeadamente no livro do Génesis, diz-nos que Deus fez o ser humano «à Sua imagem e semelhança».

Ao longo da história da Igreja, esta pergunta sobre quem é o Homem, foi respondida e desenvolvida de várias maneiras, fazendo com que exista uma pluralidade de interpretações, por vezes não unânimes entre si, no que respeita a esta categoria do ser humano. A resposta a este enigma da humanidade só é desvendado como «imagem de Deus». Segundo a Sagrada escritura, *Imago Dei*, constitui quase uma definição do ser humano, não sendo possível compreender o mistério humano separado do mistério de Deus. Em primeiro lugar o ser humano surge como um ser relacional. Querendo encontrar-se a si mesmo, o ser humano encontra-se com Deus. Esta relação que existe entre Deus e o Homem é uma relação de dependência, no sentido que o homem sendo imagem de Deus, necessita desta relação para encontrar a sua consistência e razão de ser⁶⁹. O homem é um ser de relação para com Deus, ser de relação para com a inteira criação e ser de relação para com o semelhante, só assim se concretiza como Imagem de Deus.⁷⁰ É a partir desta relação que o homem reconhece a sua identidade, a sua vocação divina e o seu lugar no contexto da criação. Deus revela ao homem o seu próprio mistério, o mistério de uma humanidade chamada a divinizar-se, a viver na comunhão amorosa com o próprio Deus. O homem é, enquanto imagem de Deus, Senhor da criação, superior ao resto das criaturas, responsável pelo seu governo.⁷¹

⁶⁸ Cf. COMISSAO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, 6.

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communi-on-stewardship_po.html (10.07.2020)

⁶⁹ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Imagen de Dios, Antropología Teológica Fundamental*, Sal Terrae, Cantabria, 1984, 45.

⁷⁰ COMISSAO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, 11.

⁷¹ Cf. MARTINS, A., *Protologia*, Textos de apoio para os alunos de Protologia, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2007, 61-62.

Segundo o Novo Testamento a imagem criada presente no Antigo Testamento deve ser completada na *Imago Christi*. São Paulo nas suas cartas refere-se a Jesus Cristo como «imagem de Deus (2 Cor 4,4), ou ainda «a imagem do Deus invisível» (Cl 1,15), enquanto afirma que somos chamados a levar a imagem de Cristo, o último Adão, como homem celestial, no fim dos tempos (cf. 1 Cor 15,49), e já a sermos transfigurados à sua imagem pelo Senhor (cf. 2 Cor 3,18).

Nesta perspetiva na qual Cristo nos aparece como imagem perfeita de Deus, Ele é tornasse ao mesmo tempo o mediador e a meta de toda a criação. Além disso, para “tornar-se” imagem de Deus, é indispensável que o ser humano participe ativamente na sua transformação segundo o modelo da imagem, por isso o ser humano não encontra a sua realização a não ser como imagem de Cristo. Em Cristo acontece a plena revelação do homem a si próprio, como declara o Concílio Vaticano II:

“Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. (...) Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua sublime vocação”⁷².

O homem torna-se *Imagem* de Deus por ser *Imagem* de Cristo⁷³. Em Cristo, Deus manifesta o seu amor, Ele é o verdadeiro amor de Deus encarnado. Ao fazer-Se homem, Cristo introduz na história da humanidade toda a raiz evangélica da verdade e do bem, e é através dela que nos oferece uma nova dimensão de beleza.⁷⁴ Como vimos no ponto anterior, quando falamos da arte face ao mistério do Verbo encarnado, é o acontecimento de Jesus, enquanto deus-feito-homem, que possibilita a representação de Deus.

Como referimos anteriormente ao longo da história da humanidade existiram várias interpretações sobre esta questão do homem como Imagem de Deus, e isso fez com que nem

⁷² *Gaudium et Spes*, 22.

⁷³ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Imagen de Dios, Antropología Teológica Fundamental*, Sal Terrae, Cantabria, 1984, 79.

⁷⁴ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 5.

sempre o ser humano tivesse a mesma percepção de ser imagem de Deus. Por isso, houve tempos em que o próprio conceito sofreu algumas alterações, ou mudanças de perspectiva, por exemplo colocando já não o homem como criado à Imagem de Deus, mas apresentando Deus como que criado à imagem do homem.⁷⁵ O Concílio Vaticano II veio assim recuperar a expressão *Imago Dei*, dando assim uma resposta à *crise que o Homem* estava a viver. Esta recuperação aparece como uma afirmação da dignidade humana, que nasce da orientação do humano para Deus. A dignidade da pessoa é assim apresentada a partir da categoria bíblica de *'imagem de Deus'*⁷⁶, a qual atinge o seu ponto máximo no mistério de Cristo⁷⁷. Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, revela, no seu próprio mistério, não só o mistério de Deus, mas também o próprio mistério do Homem: Ele é a imagem do Deus invisível e o primogénito de toda a criação, n'Ele, por Ele e para Ele, todas as coisas foram criadas e atingem a sua plenitude, como nos diz São Paulo na sua carta aos Colossenses, nela Cristo não aparece só apenas como mediação da nova humanidade reconciliada e pacificada, mas também como mediação de toda a criação, desde o seu princípio. Na humanidade glorificada de Cristo a criação inteira alcança o seu fim.⁷⁸

“Ele é a imagem do Deus invisível: nascido do Pai antes da criação do mundo. Foi por ele que Deus criou tudo o que existe no Céu e na Terra, o que se vê e o que não se vê, as forças espirituais, os domínios, as autoridades e os poderes. Foi por ele e para ele que Deus criou tudo. Já existia antes de tudo e é ele que dá consistência a tudo o que existe. Ele é a cabeça do corpo que é a igreja. Ele é a origem, é o primeiro dos ressuscitados, de modo que tem o primeiro lugar em tudo. Porque Deus achou por bem estar totalmente presente no seu Filho, e também, por meio dele, reconciliar consigo mesmo tudo o que existe na Terra e no Céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz.” (Col. 1,15-20)

O Concílio Vaticano II acrescenta ainda, na Constituição pastotal *Gaudium et Spes*, que

⁷⁵ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, nº19.

⁷⁶ Cf. *Gaudium et Spes*, 12,3.

⁷⁷ Cf. *Gaudium et Spes*, 22.

⁷⁸ Cf. MARTINS, A., *Protologia*, 12.

“o homem, criado à imagem de Deus, recebeu o mandamento de dominar a terra com tudo o que ela contém e governar o mundo na justiça e na santidade e, reconhecendo Deus como Criador universal, orientar-se a si e ao universo para Ele; de maneira que, estando todas as coisas sujeitas ao homem, seja glorificado em toda a terra o nome de Deus”.⁷⁹

A relação de dependência do homem para com Deus resolve-se, paradoxalmente, no próprio fundamento da superioridade humana sobre o resto da criação. Esta superioridade não significa uma supremacia caprichosa sobre o criado, mas que o homem deve governar o criado em nome do próprio Deus, perante quem é responsável.⁸⁰ O homem é assim o servo fiel de Deus, a quem Ele confia o zelo e o cuidado pela sua casa, pela sua Obra. Deste modo o ser humano utiliza os bens recebidos, colocando-os a render, com os seus talentos e dons, mediante a ciência, a tecnologia e a arte, exprimindo assim a sua capacidade inventiva⁸¹.

Segundo o pensamento de Santo Agostinho,

“a imagem é uma semelhança. Não uma semelhança fortuita, mas uma semelhança correlativa de um protótipo, representativa de um exemplar ou modelo que ela significa e exprime. Deste modo, podemos definir a imagem como sendo a expressão passiva de uma expressão ativa, que é o exemplar. Ser imagem indica dependência do exemplar ao qual está ordenada e a sua finalidade consiste em exprimir o melhor possível o seu modelo.”⁸²

Em que é que o homem será mais claramente a imagem e a semelhança de Deus que neste instinto de criar, mais forte que ele, que o possui a ponto de o tronar capaz de todos os sacrifícios para produzir uma obra? O artista é aquele que faz. E que necessariamente faz algo, de novo, de inédito, mesmo que isso limite o antigo. E nada se faz sem começar por desfazer alguma coisa, porque o homem, artista, não faz somente. A arte é a atividade humana que mais

⁷⁹ *Gaudium et Spes*, 34.

⁸⁰ Cf. MARTINS, A., *Protologia*, 62.

⁸¹ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 1.

⁸² FRIETAS, M. B. da C., “À imagem e semelhança de Deus: um tema de antropologia agostiniana”, in *Didaskalia*, 19 (1980) 23. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1989.900>

se aproxima da imitação do Deus Criador⁸³. Ao mesmo tempo que existe uma semelhança nesta atividade, existe também uma dissemelhança⁸⁴. Se Deus é Aquele que cria e dá o próprio ser, criando *ex nihilo*, do nada, modo de proceder exclusivo do Omnipotente, o artista (artífice) é aquele que já dispõe de matéria, ele utiliza algo que já existe, a que dá forma e significado⁸⁵. O homem é apresentado como cocriador, atendendo a que apenas Deus cria a partir do nada e que o homem continua a criação de Deus, e tal com a imagem de Deus está impressa no homem, desde a sua criação, por vontade de Deus, também o homem fica impresso nas obras de arte que surgem das suas mãos⁸⁶, sendo ele também capaz de criar e de produzir beleza⁸⁷. Para Sidónio Paes existe uma certa analogia, entre o ato criativo do artista e a narração do livro do Génesis, na qual o artista é comparado com Deus Criador, onde podemos imaginar o espírito do artista paira sobre a tela ou a folha de papel, antes de lhes dar forma. Os materiais que o artista usa não os criou, ao contrário de Deus, mas ao dar-lhes forma, ele cria novas criaturas⁸⁸. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “a arte é, com efeito, uma forma de expressão especificamente humana. Para além da busca da satisfação das necessidades vitais, comum a todas as criaturas vivas, a arte é uma superabundância gratuita da riqueza interior do ser humano. Fruto do talento dado pelo Criador e do esforço do próprio homem, a arte é uma forma de sabedoria prática, unindo conhecimento e habilidade”⁸⁹. O artista é mais que um artífice, ele partilha com Deus, e é semelhante a Ele na capacidade de criar, porem em escalas de grandeza diferente. Mas aqui no ato criador do artista, embora imperfeito, vislumbra-se o ato perfeito de Deus Criador. Deus vocaciona, chama e capacita os homens com os seus dons.

O artista é um servidor, ele deve por os seus dons artísticos e humanos ao serviço do Homem. A sua missão não é somente criar formas e misturar cores, mas trazer um conteúdo

⁸³ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 1.

⁸⁴ Cf. FUMET, S., “O Homem e a Arte”, in *O Que é o Homem?*, Edições Itinerário, Porto, 1956, 312.

⁸⁵ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 1.

⁸⁶ Cf. GODINHO, C., *Evangelizar pela arte*, in *Theologica*, 1/2 (2018) 72.

⁸⁷ Cf. THOMAZ, L. F., “Beleza divina e arte cristã – Apontamento”, in *Communio* 1 (1996) 8.

⁸⁸ Cf. PAES, S., “As Artes em relação com a Experiência Cristã”, in *Communio* 4 (1996) 357.

⁸⁹ CATECISMO DA IGREJA CATOLICA, Gráfica de Coimbra, 1999, nº2501.

mais elevado á luz do mundo. Ele deve criar a partir da sua vivencia, das suas experiencias de vida, e de vida na fé, em plena liberdade criativa, ele deve buscar dentro de si uma resposta, uma visão renovada, criativa, algo novo, algo nunca visto, de tal modo que a sua obra é um reflexo singular, do seu próprio ser, daquilo que ele é e de como ele é.⁹⁰

O artista nem sempre sabe que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, para subir até Deus, com a inteligência e a vontade, como ao princípio de tal imagem e semelhança. Mas, se se pedir ao homem uma prova da semelhança com Deus, que a teologia lhe atribui, acreditamos que a mais determinante é a arte que faz de Deus, sob mil formas, um retrato humano. A arte é uma ação puramente humana, ela vive da experiência humana, da realidade concreta das coisas humanas, nada tem de especificamente cristã.⁹¹ Para o artista cristão a arte pode apontar para uma experiência consciente do sagrado. Mas não é esta potencialidade ou esta consciência que o torna melhor artista. Um artista que não seja cristão também pode criar obras perfeitas e capazes de suscitar profundas experiências transcendentais, mesmo que as não tenha vivido ou aludido. Esta realidade tanto acontece na produção da obra como também na sua recepção. O cristão, apesar de estar mais predisposto, não detém em si a exclusividade de fruir uma experiência do sagrado ao contemplar uma obra de arte, um não cristão pode chegar a essa mesma experiência ao observar a obra de arte⁹².

Como vimos anteriormente o artista é aquele que a partir das suas obras de arte tem a capacidade de suscitar profundas experiências do sagrado, é aquele que é capaz de nos fazer maravilhar e através da sua arte manifestar a verdadeira essência, tocados assim por esta forma quase transcendente.⁹³ Mesmo os artistas que não são cristãos ou religiosos, sentem dentro de si este apelo a criar, a renovar, a correr atrás da beleza e de um ideal humano superior. A arte

⁹⁰ Cf. JOÃO PAULO PP. II *Carta aos Artistas*, 2.

⁹¹ Cf. FUMET, S., *O Homem e a Arte*, in *O Que é o Homem?*, 313.

⁹² Cf. PAES, S., “As Artes em relação com a Experiência Cristã”, 358.

⁹³ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 2.

tem esta capacidade de criar no homem esta sede de pureza, de verdade, de beleza na sua forma mais pura, mais bela e mais real.

"Enquanto busca da beleza, fruto de uma imaginação que vai além do quotidiano, a arte é, por sua natureza, uma espécie de apelo ao Mistério. Enquanto perscruta as profundezas mais obscuras da alma ou os aspetos mais perturbadores do mal, o artista torna-se de certa forma voz da expectativa universal de redenção"⁹⁴

Podemos dizer que o artista na economia da salvação vai servir como locutor ou ministro do mistério cristão, exercitando um trabalho de mediação profética e quase sacerdotal entre a verdade de Deus e o seu povo.⁹⁵ Na sociedade moderna, onde muitas vezes o sagrado é ridicularizado, distorcido e marginalizado

A arte unifica o interior humano, a essência que tende para o infinito, com o exterior humano, a realidade limitada pelo tempo e o espaço. Fundamentada neste paradoxo, do transcendente/imanente, o artista descodifica, codificando a emoção e a ideia de beleza, isto através do seu génio criativo de dizer e expressar o indizível, e de representar o inefável. Como diz o Papa João Paulo II, o artista é aquele que vive numa relação peculiar com a beleza, sendo esta a verdadeira vocação que Deus deu através do «dom artístico».⁹⁶

Percebemos que o homem se constrói e se transforma, tornando-se produto da sua própria história. Assim foi desde a pré-história e continua a ser sucessivamente. Mas, e hoje em dia? Como é que a arte e os artistas nos podem ajudar nesta missão, nomeadamente no âmbito da educação e na disciplina de EMRC?

3.3. A arte e transcendência – Evangelizar pela arte

⁹⁴ *Ibidem*, 10.

⁹⁵ Cf. IGUANCEN, D., “Património Cultural da Igreja – Questões e exigências”, in *Communio* XIII nº1, 1996, 36.

⁹⁶ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 3.

«O Cristianismo, desde as suas origens, compreendeu bem o valor das artes e utilizou sabiamente as suas multiformes linguagens para comunicar a sua imutável mensagem de salvação. Esta amizade deve ser continuamente promovida e apoiada, para que seja autêntica e fecunda, adequada aos tempos e tenha em consideração as situações e as mudanças sociais e culturais.»

*Papa Bento XVI*⁹⁷

João Duque na leitura que faz de Gadamer demonstra que esta relação entre arte e transcendência (transcendência da arte) pode ser apresentada com dois sentidos. Num primeiro sentido, a arte aparece como o próprio «sujeito», e é ela mesma que vai criar este movimento de transcendência em relação a algo ou alguém. Por outro lado, esta transcendência da arte evoca o processo do transcender a própria arte, enquanto «objeto» do transcender. Podemos então dizer que a “a arte transcende e é transcendida”⁹⁸.

A arte e a religião nasceram com os primeiros homens. Desde o princípio da história da humanidade, arte e religião andaram de mãos dadas, sendo dois fenómenos/manifestações que se cruzam ao longo da história, fundindo-se assim na sacralização e na ritualização de todas as atividades humanas. Segundo António Martins podemos “podemos afirmar que a história da arte de um povo ou de uma cultura é a história da sua própria aventura espiritual e o modo como esta se materializa esteticamente no tempo”⁹⁹. Nos objetos sagrados, nas decorações dos espaços religiosos e na própria maneira de viver, a arte revelou-se caminho para o mais profundo do ser humano. Até podemos dizer que são duas expressões diferentes de um mesmo fenómeno que se desenvolve na alma humana. Os seres humanos respiram e transpiram religião e arte no seu quotidiano. Partindo desta premissa, devemos analisar a arte e a religião, não sendo

⁹⁷ BENTO PP. XVI – *Discurso por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina*, 2009. https://www.snpcultura.org/pcm_bento_xvi_artistas_1.html, consultado a 26.07.2020.

⁹⁸ DUQUE, J., “Arte como Transcendência – Breve leitura de Gadamer”, in *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, 3/4 (2003) 76.

⁹⁹ MARTINS, A., “As formas do espírito: espiritualidade, teologia e arte”, in *Theologica*, 2ª Série, 2 (2010) 298.

manifestações totalmente distintas, mas como sendo realizações da natureza humana que andam juntas e se parecem, e até em algumas áreas se chegam a fundir e a confundir. Assim se refere Sante Babolin:

“A fé não é estranha à arte, e por outro lado, também a arte não é estranha à fé. A fé enquanto acontecimento vivido por alguém, sempre se exprimirá de alguma forma, e na via da expressão encontrará também o artístico. Além disso, a arte, como expressão genuína da interioridade humana, não conseguirá prescindir do destino do homem, e por isso é inevitável que, antes ou depois, de uma ou outra forma, se pronuncie também sobre o sagrado e sobre o divino”¹⁰⁰.

Na análise que João Duque faz ao pensamento de Rahner, sobre a arte como Teologia, a arte surge como uma

“realidade histórica e aliada ao sensível, e também enquanto expressão privilegiada da questão transcendente de todo o ser humano, é um meio indicado para representar e realizar a irrepresentável transcendentalidade do ser humano ligado à história. Nela se manifestam os momentos fundamentais que determinam as condições de possibilidade de um acolhimento de auto-revelação de Deus: transcendência e história, eternidade e tempo, unidade e diversidade.”¹⁰¹

A religião tem-se expressado necessariamente pela arte e na arte, e a melhor arte da humanidade se tem expressado na religião, como afirma João Duque, existe “uma estreita relação entre religião e arte”¹⁰². Como já referimos, o encontro com a obra de arte é um encontro com a história, isto porque nenhuma manifestação de arte está privada de pessoas, de uma cultura ou de um tempo. A arte é assim um acontecimento espiritual, revelador da inquietação do próprio artista e da cultura do seu tempo. Através da arte, o artista expressa a sua espiritualidade, as suas alegrias e as suas dores, a sua inquietação e o seu júbilo, o seu desejo de beleza e de amor. A arte é um acontecimento espiritual, enquanto expressão do interior do

¹⁰⁰ Citado em: CHAPPIN, M., “Valor eclesial dos bens culturais da Igreja”, in *Communio* XIII nº1, 1996, 15-16.

¹⁰¹ DUQUE, J., “A Arte como Teologia. Sobre alguns textos de Karl Rahner”, in *Theologica*, 1 (1995) 148.

¹⁰² DUQUE, J., “Fé e arte”, 445.

ser humano.¹⁰³ Nela está expressa a história da sua existência. O Papa João Paulo II na sua carta aos artistas afirma que “através das obras realizadas, o artista fala e comunica com os outros. Por isso, a História da Arte não é apenas uma história de obras, mas também de homens. As obras de arte falam dos seus autores, dão a conhecer o seu íntimo e revelam o contributo original que eles oferecem à história da cultura.”¹⁰⁴

Também o Papa Bento XVI nos fala sobre esta dimensão espiritual e transcendente presente na arte. Esta dimensão dá-se pelo facto de a arte ter esta capacidade de criar, de interrogar, de fazer inquietar e de como ela fala tao claramente do sentido da vida humana.¹⁰⁵ Com efeito, a obra de arte (em virtude da sua identidade) é para o homem uma iniciação experimental ao mistério de uma Beleza Absoluta, de uma beleza máxima que se mostra como possível noutra ordem de coisas. Tanto a fé quanto a arte são caminhos que, embora diferentes, conduzem à mesma meta e estão motivados pelo mesmo esforço de procura da beleza. Para António Martins a beleza e a bondade coincidem em Deus, são características de Deus e segundo os relatos da Sagrada Escritura toda a Sua obra é por si boa e bela (Gn 1, 31).¹⁰⁶

Perante esta busca pela beleza, podemos afirmar que o artista vive numa dialética transcendente. Por um lado sente-se imerso gratuitamente na Obra contínua da Criação Divina, mas ao mesmo tempo, reconhecesse insuficiente nesta dinâmica criativa, por outras palavras o artista é aquele que pretende alcançar o absoluto da beleza objetiva mas não o consegue. Com o ato artístico, o homem realiza um ato profundamente religioso.

O Papa Bento XVI no seu discurso aos artistas na Capela Sistina afirma que,

“a beleza que se manifesta na criação e na natureza e que se expressa através das criações artísticas, precisamente pela sua característica de abrir e alargar os horizontes da

¹⁰³ Cf. MARTINS, A., “As formas do espírito: espiritualidade, teologia e arte”, 298.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 2.

¹⁰⁵ BENTO PP. XVI – *Discurso por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina*, 2009. https://www.snpcultura.org/pcm_bento_xvi_artistas_1.html consultado a 26.07.2020.

¹⁰⁶ Cf. MARTINS, A., “As formas do espírito: espiritualidade, teologia e arte”, 298.

consciência humana, de remetê-la para além de si mesma, de aproximá-la ao abismo do Infinito, pode tornar-se um caminho para o Transcendente, para o Mistério último, para Deus.”¹⁰⁷

Ao contemplar a arte, dotada desta beleza que vem da experiência de fé, deixamo-nos ir pela sua natureza bela, e mergulhamos nos sentidos mais profundos do nosso ser. “Enquanto procura do belo, a arte é um apelo ao mistério, um assomar-se sobre o abismo de beleza que é o próprio Deus. Toda a procura de beleza é uma procura de Deus, implícita ou explicitamente, consciente ou não.”¹⁰⁸ O homem no seu íntimo sente este desejo pelo Belo Verdadeiro, pela Beleza incriada, e deseja deixar-se guiar, e experimentar de se elevar até à Eternidade. Esta procura pelo Belo e pela Beleza responde àquele desejo íntimo de felicidade que se esconde no mais profundo coração humano.¹⁰⁹ Devido a esta capacidade, a arte pode neste campo ser denominada por arte sagrada, no sentido que proporciona ao homem a possibilidade de um diálogo com Deus, desempenhando uma função de mediadora, neste encontro entre o homem e Deus. Como se refere Damián Iguacen a arte “Valendo-se de meios humanos, eleva o pensamento dos homens ao divino, acerca-se do invisível, do sobrenatural.”¹¹⁰

Segundo a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, as obras de arte sagrada servem para exprimir a beleza divina, e assim conduzir o homem a uma relação com Deus.

“Entre as mais nobres atividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas artes, e muito especialmente a arte religiosa e o seu mais alto cimo, que é a arte sacra. Elas tendem, por natureza, a exprimir de algum modo, nas obras saídas das mãos do homem, a infinita beleza de Deus, e estarão mais orientadas para o louvor e glória de Deus se não tiverem outro fim senão o de conduzir piamente e o mais eficazmente possível, através das suas obras, o espírito do homem até Deus.”¹¹¹

¹⁰⁷ BENTO PP. XVI – *Discurso por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina*.

¹⁰⁸ Cf. MARTINS, A., “As formas do espírito: espiritualidade, teologia e arte”, 298.

¹⁰⁹ Cf. GODINHO, C., “Evangelizar pela arte”, 75.

¹¹⁰ IGUANCEN, D., “Património Cultural da Igreja – Questões e exigências”, 37.

¹¹¹ CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Sagrada Liturgia (Sacrosanctum Concilium)*, 122.

A Igreja sempre soube valorizar o poder que emana da Arte, das suas imagens, das suas cores, formas e espaços, tendo sempre muito presente este valor pedagógico e catequético muito próprio da arte, nomeadamente na sua capacidade de interpretar e de transmitir as mensagens encontradas na Sagrada Escritura.¹¹² Ao longo dos séculos, os fiéis sempre receberam grande apoio para a sua fé através da arte. Marcel Chappin citando São Tomás de Aquino enumera as três principais razões de a Igreja usar a arte: em primeiro lugar para instrução dos analfabetos; em segundo como recordação do mistério da Encarnação; e por último, porque a imagem é muitas das vezes mais eficaz do que a palavra para suscitar afetos¹¹³.

É neste sentido que podemos dizer que a

“arte religiosa é o prolongamento da revelação de Deus e o acolhimento desta revelação por parte do homem. Quando a arte é religiosa, as formas, as imagens, as cores e os sons não se colocam ao serviço deles mesmos mas ao serviço da fé. (...) A arte religiosa converte-se em espaço privilegiado de diálogo entre o Deus criador e o homem criado.”¹¹⁴

A arte religiosa desempenha assim uma função muito própria e singular, na qual a partir do objeto criado, abre assim a possibilidade de uma experiência interior de encontro, onde Deus se pode comunicar, na Sua graça e benevolência.¹¹⁵

É por causa desta especificidade, que a arte tem como pedagoga e catequética, que o Papa João Paulo II na sua carta aos artistas afirma que a Igreja tem necessidade da arte, para conseguir transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou. Esta necessidade vem do facto de a Igreja precisar de tornar perceptível e fascinante este mundo do espírito, do invisível, de Deus. E neste sentido a arte tem esta capacidade muito própria de pegar na mensagem, e de a traduzir em cores, formas e sons, sem a despojar do seu valor transcendente. “A Igreja precisa

¹¹² Cf. MARTINS, A., “As formas do espírito: espiritualidade, teologia e arte”, 311.

¹¹³ Cf. CHAPPIN, M., “Valor eclesial dos bens culturais da Igreja”, *in* *Communio*, 1 (1996) 20.

¹¹⁴ Átrio dos Gentios - https://www.snpcultura.org/arte_alma_da_cultura_caminho_da_transcendencia.html, consultada a 29.06.2019

¹¹⁵ Cf. GODINHO C., “Evangelizar pela arte”, 73.

particularmente de quem saiba realizar tudo isto no plano literário e figurativo, trabalhando com as infinitas possibilidades das imagens e suas valências simbólicas.”¹¹⁶ A fé cristã necessita de artistas que possam interpretar e traduzir esteticamente a Escritura, transmitindo assim a sua leitura, a sua espiritualidade e consciência da igreja que a suporta. Deste modo a arte apresenta-se como uma revelação e interpretação da Escritura.¹¹⁷ O Papa Paulo VI acrescenta ainda que o artista é o guardião da beleza no mundo, e “o mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração. E isto por vossas mãos.”¹¹⁸

Segundo o pensamento de Rahner, de acordo com João Duque

“a arte deverá ser, em todas as suas manifestações, compreendida como um fenómeno, através do qual o ser humano experimenta, do modo mais denso, a sua situação de ser possuído pelo mistério, ou seja, encontra-se não tanto como um ser da procura, mas sobretudo como um ser do acolhimento. Ele é encontrado, mais do que alguém que deseja encontrar. Ele é reposta, mais do que questão”.¹¹⁹

O Papa João Paulo II também refere que “toda a forma autêntica de arte é, a seu modo, um caminho de acesso à realidade mais profunda do homem e do mundo. E, como tal, constitui um meio muito válido de aproximação ao horizonte da fé, onde a existência humana encontra a sua plena interpretação.”¹²⁰

De um modo próprio, quando uma obra de arte se apresenta ao público, e é uma obra inspirada na fé e enquadrada na sua função religiosa, esta pode revelar-se como um caminho de

¹¹⁶ JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 12.

¹¹⁷ Cf. MARTINS, A., “As formas do espírito: espiritualidade, teologia e arte, 311.

¹¹⁸ PAULO PP. VI, *mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos artistas*, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html consultado a 07.08.2020.

¹¹⁹ DUQUE, J., “A Arte como Teologia. Sobre alguns textos de Karl Rahner”, 152.

¹²⁰ JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, 6.

evangelização e de diálogo. Ao mesmo tempo que é expressão do património da Igreja, também é uma expressão do próprio mistério da fé cristã.¹²¹

Na obra de arte, o acontecimento não é só material, mas uma condensação da dimensão ideal e espiritual do mundo com a sua dimensão material ou corporal¹²². A arte deverá continuar a ser um meio singular de evangelização, e até de reevangelização, interagindo com os centros de cultura e fazer-se cultura, marcar um povo, uma nação, e a história da humanidade. “Ela permite o aprofundamento da fé, a evangelização das culturas, e o diálogo com os não crentes, sobretudo com aqueles que, incapazes de receber o ensinamento da Igreja de outra forma, acedem à fé pela via da Beleza”.¹²³ O seu discurso é algo partilhado por crentes e não crentes. Esta experiência do Belo e da Beleza pode converter-se no início de uma catequese, num encontro com o testemunho da fé ou até num caminho de conversão.¹²⁴

Podemos então concluir que a arte surge como uma mediação para o transcendente, um caminho para Deus, mas para que esse caminho seja possível percorrer é necessário aprender a olha-la. Daqui surge a grande questão da educação do olhar e da importância do educar para o simbólico que iremos abordar mais à frente.

¹²¹ Cf. GODINHO, C, “Evangelizar pela arte”, 75.

¹²² Cf. DUQUE, J., “Fé e arte”, 447.

¹²³ GODINHO, C, “Evangelizar pela arte”, 73.

¹²⁴ Cf. CHAPPIN, M. “Valor eclesial dos bens culturais da Igreja”, 22.

III. A função da arte na educação

A Arte, como uma linguagem dos sentidos, transmite significados que não podem ser passados por meio de nenhum outro tipo de linguagem. E porque a Arte pode ser percebida pela totalidade dos seres humanos, ela pode ser entendida como a única linguagem universal. Podemos ignorar completamente a língua e costumes de um povo mas, através da arte, nomeadamente da pintura, podemos elaborar uma perspectiva da cultura desse povo e dos seus padrões culturais. Tomamos assim a arte na educação como uma linguagem não só inter/multicultural de relevante importância mas também como base do conhecimento das sociedades humanas.

Desde os primórdios da humanidade que a arte foi, e continua a ser, uma força unificadora e atuante manifestação social. Também não se discute a afirmação de que a arte é uma forma decisiva de educação da sensibilidade e da imaginação do ser humano, no propósito da abertura de novos horizontes, do alargamento da área do sentido a dimensões ainda por descobrir e determinar. A arte é uma linguagem universal e é através da sua relação com a educação que se dá desenvolvimento integral do indivíduo em todas as suas dimensões.

1. A arte no ensino - Educar através da arte

Arte e educação podem ser vistas como inseparáveis, no sentido que ambas são de extrema importância para o ser humano, para o seu desenvolvimento integral, estando ambas presentes em todos os seus estádios.

Este tema tão atual já vem sendo alvo de estudo e discussão de muitos filósofos desde muito cedo, a arte já está presente na vida do homem, desde os tempos mais remotos, até hoje ela foi sofrendo diversas modificações, tanto a nível de estilos como as próprias linguagens artísticas. Contudo, a expressão artística é uma temática que ainda tem muitos constrangimentos, para estes serem superados é necessária a mudança de mentalidades.

Nos dias que correm existem vários estudos, que apontam para a importância da arte na e para a educação. Muitos pedagogos alertam para a importância de uma educação que vá além da transmissão de saberes¹²⁵. Se considerarmos a arte como uma linguagem universal para a expressão de sentimentos, percepções e sensibilidades típicas do ser humano, conseguimos atribuir-lhe a capacidade de fazer o homem olhar sobre a realidade do mundo de diferentes formas, permitindo assim uma compreensão mais abrangente e desenvolvida das diferentes culturas. A este respeito A. Sousa afirma que a arte tem o objetivo de proporcionar ao indivíduo uma cultura geral equilibrada, com vivências culturais, que levará a um desenvolvimento pleno da pessoa como um todo¹²⁶. Desta forma podemos afirmar que a arte desempenha um papel muito importante em todos os tipos de ensino pela sua capacidade de desenvolver a compreensão mútua entre os povos.

Sousa acrescenta ainda que a arte “desempenha um papel primordial, sob todas as suas formas expressivas, na adequada formação da personalidade, sustentando que esta só se desenvolve equilibradamente num processo de individualização e integração, ou seja, da reconciliação da singularidade individual com a unidade social.”¹²⁷ Devido a este seu papel, a arte nunca poderá ser colocada à margem da escola e da educação, de forma alguma a educação poderia estar desligada das questões relacionadas com a arte.

Quando falamos do papel da arte na educação não falamos só do ensino da arte, mas também das suas expressões individuais, na qual se vai estabelecer numa relação harmoniosa entre o ser humano e o mundo exterior. Harmonia esta, que surge através da articulação de várias dimensões constituintes do indivíduo, biológicas, afetivas, cognitivas e motoras, assim como a componente social e cultural.

¹²⁵ Cf. SOUSA A., *Educação pela arte e artes na educação – Bases Psicopedagógicas*, 1º volume. 1ª Edição, Instituto Piaget, Lisboa, 2003. 79-80; Desde Platão, ninguém conseguiu defender de modo tão convincente como Herbert Read a tese de que a arte deve constituir a base da educação, A tese defendida por Herbert Read é a que a arte deve ser a base da educação: “A educação deve ser um processo, não apenas de individualização, mas também de integração, que é a reconciliação da singularidade individual com a unidade social”. READ, H., *Educação pela Arte*, Edições70, Lisboa, 1982, 18.

¹²⁶ Cf. SOUSA A., *Educação pela arte e artes na educação – Bases Psicopedagógicas*, 63.

¹²⁷ *Ibidem*, 25.

A arte aparece aqui como um meio de educação e de formação, na qual se educa os sentidos, se promove valores morais e éticos e se estimula e enriquece o pensamento. A educação pela arte não pretende ensinar arte, mas sim utilizar esta como meio de promover a educação¹²⁸. Wojnar refere que,

“A ideia de educação pela arte não se trata de um só domínio da educação correspondendo à formação de uma sensibilidade estética, do gosto pela beleza, mas de uma larga concepção da formação do homem, toda ela baseada no princípio estético e concebendo-lho o primato entre outros fatores exercendo o seu efeito sobre o ser humano. A formação do homem deve ser concebida como um processo total. A arte nela intervém em diversos planos de vida, o que tem consequências não somente para a sensibilidade estética propriamente dita, mas também para a vida intelectual, efetiva e moral.”¹²⁹

Para Vygotsky a arte aparece como um elemento significativo na constituição do sujeito, mais concretamente no seu plano emocional, isto porque a arte vive da interação, juntando os princípios da percepção sensorial, sentimento e imaginação.

“Todas as nossas vivências fantásticas e irrealis transcorrem, no fundo, numa base emocional absolutamente real. Deste modo vemos que o sentimento e a fantasia não são dois processos separadas em si mas, essencialmente o mesmo processo, e estamos autorizados a considerar a fantasia como expressão central da reação emocional”¹³⁰.

Perante este pensamento de Vygotsky podemos afirmar que através da arte se possibilita uma abertura para a expressão dos sentimentos e das percepções do mundo que revelam aspetos da produção de sentidos do ser humano que estão unidos com a sua objetividade. A arte retrata a relação entre subjetividade e objetividade, uma vez que cria um campo de possibilidades no qual a realidade pode ser transformada pela percepção singular revelando consequentemente o

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, 80.

¹²⁹ Citado por SOUSA A., *Educação pela arte e artes na educação – Bases Psicopedagógicas*, 80.

¹³⁰ Citado por BERNARDES, L., BLATTMANN, U., BORGES, I., *A arte-educação como intervenção psicológica*, <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/398/495>, consultado a 23.08.2020.

impacto daquela sobre a formação da consciência de si e do outro. No Homem a atividade simbólica baseia-se em imagens e sentimentos.

Sendo a arte uma linguagem iminentemente simbólica de sentimentos, concordamos que esta, através de um vasto leque de vivências simbólicas e emocionais, pode contribuir para o desenvolvimento afetivo-emocional, reflexivo, crítico e criativo, para uma ampliação do conhecimento e das formas de aprender, e conseqüentemente de ver a realidades a partir de novas e variadas perspectivas. Perante estes panoramas, podemos afirmar que a educação pela arte pode ajudar no processo de ensino e aprendizagem de EMRC, mas também para todos os âmbitos do ensino.

A maior parte das informações que observamos vem pelo sentido da visão. Geralmente são os olhos que nos conectam ao mundo exterior e nos permitem reter novos conhecimentos. A arte vai além da simples transmissão de conhecimentos, segundo Sousa a educação pela arte assenta no “educar o sensível, tendo em vista a estimulação e enriquecimento do racional, numa interpretação benéfica entre o pensar, o sentir e o agir.”¹³¹ A educação pela arte privilegia um modo estético de aprender. Esta busca pela estética, pela beleza, está de certa forma ligada com a conceção base religiosa, como já referimos anteriormente. Godinho afirma que esta procura, e interesse pelo belo e pela beleza faz parte da essência do ser humano, este desejo pela felicidade, a qual o homem encontra resposta nas religiões.¹³² Segundo Sousa, também Platão nos seus ensinamentos associa a Educação à Arte, tendo esta como objetivo de proporcionar ao homem uma evolução espiritual. Para ele, Arte e Educação surgem como dois caminhos diferentes para a mesma meta, atingir o Belo¹³³. Perante esta perspectiva é de extrema importância educar o olhar, e é neste sentido que a educação pela arte pode ajudar a disciplina de EMRC.

¹³¹ SOUSA A., *Educação pela arte e artes na educação – Bases Psicopedagógicas*, 82.

¹³² Cf. GODINHO, C., “Evangelizar pela arte”, 75.

¹³³ Cf. SOUSA A., *Educação pela arte e artes na educação – Bases Psicopedagógicas*, 79.

A primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm de ser educados para que a razão seja capaz de, por meio dela, ir para além da superfície das coisas, penetrando o interior das realidades visíveis, o seu significado escondido, as causas, a raiz. Assim, a necessidade de uma educação do olhar, capaz de desenvolver na pessoa competências de reflexividade e compreensão de significados, confirma a importância do papel da Arte na Escola e na educação. Uma educação do olhar com recurso à arte no contexto de EMRC favorece uma literacia visual ao mesmo tempo que uma literacia religiosa e cultural.

É necessário aprender a olhar as coisas de uma forma mais estética, de modo a facilitar uma apreensão e uma compreensão da realidade mais abertas a novas perspectivas e horizontes. A arte vai favorecer a educação do olhar do aluno, e conseqüentemente a sua capacidade simbólica, a qual é tao importante nos dias de hoje para o ensino da religião. Iremos abordar este tema mais a frente quando falarmos da importância de educar para o símbolo.

No contexto da aprendizagem específica de EMRC, a educação pela arte pode aparece também como um fator facilitador de uma educação para a interioridade, através da arte. No entanto, este acesso à interioridade e a sua comunicação não se faz senão por meio do símbolo, linguagem e expressão da própria arte.

De um modo mais geral, concordamos que a educação pela arte é uma aliada da disciplina de EMRC. Os estímulos visuais são tão importantes na sala de aula, eles não apenas despertam o interesse e a curiosidade dos alunos, mas podem ajudar os estudantes a reterem melhor o conteúdo. Quando vemos o que estamos a aprender, tornamo-nos mais ativos no processo de ensino e, quanto mais participamos, mais fácil será ativar a memória posteriormente. Nesse sentido devemos aprender quais as formas e os modos que em EMRC, a arte pode ser utilizada enquanto caminho/ponte para aceder aos conteúdos programáticos da disciplina, de modo a abrir o campo da reflexão e do conhecimento cristão.

2. A importância de educar para o simbólico

É interessante notar que o ser humano, desde tempos muito remotos, possui a necessidade da religião, ou seja, da criação de cultos e da construção de símbolos para nortear e dar sentido à sua existência. Portanto, podemos afirmar que desde os primórdios, os elementos símbolos, religião e arte caminham juntos, considerando que os símbolos, além do seu caráter sacro, possuem também um caráter artístico.

Séculos antes das concepções modernas da experiência religiosa, o símbolo demonstrou exercer um poder natural de mediação da relação do ser humano com o transcendente. Mesmo sofrendo constantes ressignificações, permaneceu único e múltiplo, já que o papel profundo do símbolo é a confirmação de um sentido. Esta capacidade de simbolizar, inerente ao ser humano e que o diferencia dos demais animais, foi o meio pelo qual as primeiras comunidades cristãs comunicavam sua experiência religiosa, sendo tanto testemunho, como matriz geradora de novas vivências, fortalecendo os laços entre elas por meio de um sistema simbólico comunicado com afrescos e pelas mensagens em epitáfios esculpidos em pedras.

Também na sociedade atual a simbologia assume contornos muito relevantes. Existindo desde os tempos antigos, os símbolos tomam uma grande importância na vida e na cultura dos povos.

Quando falamos de simbologia existe a necessidade de perceber qual o conceito de símbolo, e inevitavelmente uma distinção entre símbolo e sinal. O símbolo e o sinal têm em comum que ambos indicam alguma coisa fora deles, pontando sempre para algo em determinada medida além deles próprios. Esta é a sua única semelhança, pois cada um possui uma distinção estrutural, a qual vai afetar o sentido e o conteúdo que cada um traz. A grande diferença que existe entre símbolo e sinal é que,

“o sinal está desvinculado do poder de conteúdo para o qual aponta, ou seja, só expressa o conteúdo que ele indica, não possuindo uma separação entre aquilo que se mostra e aquilo que

se representa. [...] O símbolo participa da realidade para a qual aponta, pois tanto o símbolo quanto o elemento para o qual ele aponta são, em última análise, pertencentes à mesma realidade, compartilhando assim, o mesmo poder.”¹³⁴

Símbolo e sinal não são sinónimos. Os sinais, sobretudo, dão a conhecer; os símbolos são mais densos de sentido, e tendem a criar comunhão: não só notificam, como também evocam e realizam. Os sinais não são da mesma natureza que o significado, enquanto os símbolos, de alguma maneira, contêm a realidade que significam, tornam-na presente e põem-nos em relação com ela. Podemos dizer que todo o símbolo é sinal, mas nem todo o sinal é símbolo¹³⁵.

Assim como a arte, o símbolo também é difícil de definir, sendo específico de cada cultura. Tendo a sua origem no verbo grego *sym-ballo*, a palavra *symbolon* refere-se à união de duas coisas separadas que se complementam, ou seja, cada uma das duas partes que se juntam já contém a realidade, mas só quando estão juntas ou se recompõem – à maneira de um puzzle reconstruído – é que contêm a realidade completa, uma parte remete à outra.¹³⁶ “A palavra grega *symbolon* significava a metade dum objeto partido (por exemplo, um selo), que se apresentava como um sinal de identificação. As duas partes eram justapostas para verificar a identidade do portador”¹³⁷. Como já tínhamos referido anteriormente o termo símbolo designa um elemento representativo que está em lugar de algo, que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia.

Embora existam símbolos que sejam reconhecidos internacionalmente, que apontam para um nível ainda mais profundo, os quais traduzem convicções e valores que se apresentam como inseparáveis para a sobrevivência de uma instituição ou cultura, expressando uma

¹³⁴ PORTELA, B. de O. S., “O conceito de símbolo em Tillich e Jung”, in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 18/19 (2013) 376.

¹³⁵ Cf. ALDAZÁBAL, J., *Sinal (símbolo)*, in *Dicionário Elementar de liturgia*, http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=421, consultado a 17.08.2020.

¹³⁶ Cf. ALDAZÁBAL, J., *Sinal (símbolo)*.

¹³⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2010, n.º 188.

identidade profunda, outros são compreendidos apenas dentro de um determinado grupo tendo significados profundos dentro de um determinado contexto histórico e cultural, os quais manifestam e alimentam o respeito e o despertar de energias inesperadas.

O símbolo é um elemento essencial no processo da comunicação, encontrando-se difundido pelo quotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. É neste sentido que o Catecismo da Igreja Católica (CIC) afirma, que

“Na vida humana, sinais e símbolos ocupam um lugar importante. Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais por meio de sinais e de símbolos materiais. Como ser social, o homem precisa de sinais e de símbolos para comunicar-se com os outros, pela linguagem, por gestos, por ações. Vale o mesmo para sua relação com Deus”¹³⁸.

Acrescenta ainda que

“enquanto criaturas, essas realidades sensíveis podem tornar-se o lugar de expressão da ação de Deus que santifica os homens, e da ação dos homens que prestam seu culto a Deus. Acontece o mesmo com os sinais e os símbolos da vida social dos homens: lavar e ungi, partir o pão e partilhar o cálice podem exprimir a presença santificante de Deus e a gratidão do homem diante de seu criador.”¹³⁹

O símbolo é a linguagem básica da experiência religiosa, para se poder compreender bem esta realidade religiosa é necessário ter presente toda esta componente simbólica, na sua forma de estar no mundo. A capacidade simbólica é “o que permite às pessoas e grupos, num determinado contexto, reconhecer-se como pertencendo a um mesmo espaço social, viver uma história comum, comunicar e organizar a transmissão cultural entre as gerações. Permite saber onde estão, de onde vêm, o que podem esperar”¹⁴⁰. Esta experiência simbólica permite não só

¹³⁸ *Ibidem*, n.º 1146.

¹³⁹ *Ibidem*, n.º 1148.

¹⁴⁰ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, Manual de Educação Moral e Religiosa Católica, Unidade Letiva 05, *A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo*, Lisboa: SNEC, 2015, 14.

a comunhão e comunicação entre as pessoas, numa determinada realidade cultural, mas também permite a transmissão do seu património simbólico¹⁴¹. Segundo Geraldo Dias “a simbólica é, indiscutivelmente, a linguagem mais eloquente da religião, pois os símbolos manifestam a sua mais-valia e importância na medida em que servem ao homem para falar e dar a perceber as realidades místicas e transcendentess”¹⁴²

Ao falarmos de Educação e mais concretamente no espaço aula de Educação Moral Religiosa e Católica, os símbolos não podem ser desconsiderados. Tanto a arte como o ensino religioso promovem o desenvolvimento de competências simbólicas e reflexivas. Competências que são essenciais para haver uma leitura global da realidade e uma abertura existencial à transcendência, as quais deveram guiar a própria experiência do ser humano.

É neste sentido que EMRC aparece como lugar próprio do debate do fator religioso, no qual se pode fazer uma aproximação ao núcleo do fenómeno artístico e do fenómeno religioso. Geraldo Dias refere, que “a arte simbólica é, então, algo de divino e, tal como a beleza, é o «splendor da verdade», como diria Platão”¹⁴³.

Quando queremos falar seja de religião, de fenómeno religioso, ou de dimensão religiosa, deparamo-nos com dificuldades que se prendem com a questão da linguagem. Esta dificuldade é sentida nos nossos alunos, na sala de aula, em que se verifica uma grande iliteracia em matéria religiosa. O ensino religioso escolar, a aula de EMRC tem, assim, a missão de possibilitar o acesso à linguagem própria do religioso por parte dos alunos, e diríamos mesmo, não só dos alunos mas de toda a comunidade educativa. Só por aqui, constatamos que valorizar a arte é fundamental em EMRC. Este aprofundar do que se vê e ouve – educação do olhar - pode ser uma mais-valia nas aulas de EMRC, pois permitirá um arrebatamento do mundo do aluno para novos mundos, diferentes e extraordinários a explorar, possibilitando assim a uma

¹⁴¹ Cf. *Ibidem*, 15.

¹⁴² COELHO DIAS, G. J. A., *Religião e Simbólica, O sonho da Escola de Jacob*, Granito, Editores e Livreiros, Lda, Porto, 2001, 24.

¹⁴³ COELHO DIAS, G. J. A., *Religião e Simbólica, O sonho da Escola de Jacob*, 23.

educação intercultural. A educação do olhar vai ajudar o aluno a desenvolver a sua capacidade simbólica, criando nele o hábito de estar atento, de questionar, investigar e buscar um sentido mais profundo do que vê. Preparando-o assim para uma abertura ao mistério e ao reconhecimento da riqueza da proposta cristã. Desta forma podemos afirmar que a educação do olhar contribui para o desenvolver religioso dos alunos, aparecendo esta como um meio, pelo qual os alunos através da arte vislumbram, tocam e são educados para o religioso.

Em modo de conclusão podemos garantir que a relação entre a arte e a religião encontra na força do símbolo o seu elo de ligação. Uma boa obra de arte pode surgir como uma imagem de grande valor transcendental, sendo esta por vezes, para muitas pessoas/alunos, a única experiência mais próxima à experiência do sagrado. É através desta que estes conseguem aceder a um conjunto imenso de sentidos e símbolos religiosos, os quais irão contribuir para a seu alfabetismo religioso e cultural.

Por milhares de anos, a religião, com os seus símbolos, esteve intrinsecamente ligada às artes. Pode-se dizer que religião, símbolos e artes caminham lado a lado. As artes, por sua vez, têm a capacidade de transmitir esses símbolos religiosos de forma artística e pedagógica.

3. A EMRC e a expressão artística religiosa na escola - Proposta Pedagógica

Como vimos nos capítulos anteriores, a arte é uma atividade humana indispensável ao seu próprio desenvolvimento, permitindo a aquisição de competências, as quais ajudam o homem a explorar as suas emoções, a sua imaginação e a razão. A arte faz parte da história da humanidade desde os tempos mais remotos, ajudando o ser humano nas suas atividades, moldando o ambiente e o meio social em que se vive.

A escola deveria ser mais do que apenas a transmissão de saberes de gerações para gerações. Esta deveria ter a missão de sensibilizar os alunos a refletirem sobre o mundo que os envolve, levando-os a transmitir as suas emoções, desejos e ideias através de atividades que envolvam a experiência artística.

Atendendo às finalidades da disciplina de EMRC e o seu papel na tarefa global da Escola, é importante evitar que as aulas de EMRC se tornem momentos de transmissão de conteúdos intelectuais. Procurando criar espaços de criatividade, onde se possa pensar e sentir, e fazer e memorizar para sempre.

Nesta perspetiva o mundo da arte presente na EMRC, para além de uma legibilidade da realidade e de uma construção identitária, pode ser um grande aliado pedagógico, tanto para o contato com o mundo cultural, como para a experiência religiosa¹⁴⁴. Assim, com a exploração do “mundo da arte”, nas aulas de EMRC, pretende-se ir mais além do que uma mera coexistência de culturas distintas mas a possibilidade tentada para uma “construção de uma cultura intercultural, resultante das diferentes culturas e religiões em coexistência”¹⁴⁵.

Procurando encontrar quais as formas e os modos na qual a arte pode ser utilizada enquanto caminho/ponte para aceder aos conteúdos programáticos da disciplina de EMRC,

¹⁴⁴ Cf. VARANDA, I., “Multiculturalidade e diversidade religiosa. Novos Desafios para a escola e as religiões”, in *Communio*, 4 (2006), 394.

¹⁴⁵ *Ibidem*, 397.

propõe-se aqui uma atividade pedagógica na qual a análise e exploração da arte está na sua base.

3.1. Atividade 1 - Passaporte das Religiões¹⁴⁶

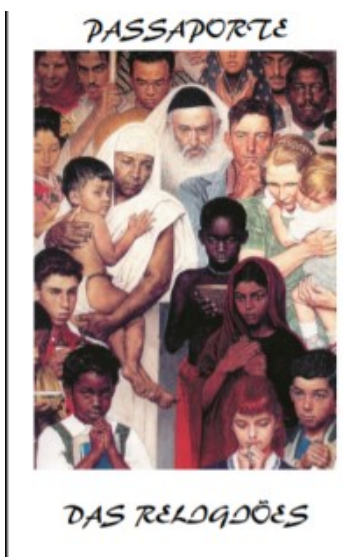


Figura 1- Passaporte das Religiões

O passaporte das religiões surge como já referimos anteriormente, como uma estratégia pedagógica, a qual tinha como finalidade cativar e focar os alunos para esta UL “As Religiões”.

Conforme as planificações apresentadas para a prática letiva, no primeiro capítulo, este passaporte seria entregue aos alunos na primeira aula, onde se faria uma breve apresentação e explicação do mesmo. Todos os alunos devem ter consigo no início das aulas sempre o seu passaporte, e durante estas irem preenchendo os espaços vazios das “características” relativas à religião abordada

na aula, conforme se pode ver na figura 2.

Estas pequenas tarefas têm dois grandes objetivos, o primeiro seria tornar os alunos mais focados, concentrados e simultaneamente mais interessados na matéria; o segundo grande objetivo é levar os alunos numa viagem pelo Mundo à descoberta de seis grandes religiões, uma viagem não só de conceitos ou de regras, mas uma viagem também pela cultura, pela arte e pelas pessoas.

Judaísmo	Origem
	Fundador
	Deus
	Princípios De Fé
	Princípios Éticos
	Texto Sagrado
	Templo
	Símbolo
	Dia Sagrado

Figura 2- Interior do Passaporte das Religiões

¹⁴⁶ Passaporte das religiões, anexo 4 na página 48. O anexo encontra-se em formato digital na contracapa deste Relatório.

A arte surge aqui como uma aliada nesta estratégia pedagógica. Em todas as aulas, a arte tem uma presença importante, é através dela que os alunos poderão viajar, contactar e conhecer as grandes religiões. Em primeiro lugar, em todas as aulas os alunos devem entrar na sala ouvindo uma música da respetiva cultura/religião que irá ser abordada nesse dia. De seguida será projetado uma pintura ou imagem relacionada com o tema, a qual será o ponto de partida para a aula. Pede-se aos alunos que observem a pintura e que escrevam o que vêem, desseguida devem escrever também o que pensavam enquanto viam, e finalmente devem escrever as perguntas que lhes sugeriam em relação como que viram. A partilha do que escreveram poderá ser feita a pares ou em voz alta com o resto da turma. Esta dinâmica poderá também ser feita de forma verbal e não escrita, pedindo aleatoriamente a alguns alunos para responderem às três perguntas chaves – O que vêes? O que pensa sobre isto? O que te faz perguntar?

Este tipo de estratégia irá fazer com que os alunos pensem cuidadosamente sobre a razão pela qual algo tem a aparência que tem ou é da maneira que é. Esta prática no início das aulas, servirá para motivar o interesse dos alunos através de uma imagem/objeto a qual está relacionada com o tema em estudo. Esta irá estimular a curiosidade e a estabelecer cenários de investigação.

Para além da música e da pintura, ao longo da apresentação seria importante apresentar os objetos típicos dessas culturas aos alunos, para assim facilitar a sua atenção e interesse. Desta forma os alunos teriam um contato mais facilitador com a respetiva cultura, através da sua arte, da sua cultura e dos seus costumes.

3.2. Atividade 2 – Projeto interdisciplinar – “Deus Não tem Cor - Uma viagem ao Mundo das Religiões”

Tendo como ponto de partida a viagem feita ao longo das aulas anteriores e através da ajuda do passaporte propõe-se a realização de um projeto na escola intitulado “Deus Não tem Cor – Uma viagem ao Mundo das Religiões”.

Esta viagem o seu conteúdo remete para cada uma das religiões, transmitindo a mensagem de que o ser humano é, na sua essência, um ser religioso, um ser que se projeta para fora de si, que busca para além da mera materialidade e superficialidade, um ser que contempla e que comunica, por meio de elementos simbólicos, aquilo que tem de mais profundo.

Do ponto de vista pedagógico e tendo por base as Aprendizagens Essenciais da disciplina (AE)¹⁴⁷, poderão ser várias as unidades letivas e os anos envolvidos neste projeto. As AE de EMRC parecem conduzir para uma literatura religiosa, mais do que para uma educação religiosa em si, com vista à empatia, à formação de uma consciência cívica e, por consequência, à proposta de respostas e metas que procuram dar sentido à vida individual e coletiva.

Assim sendo, numa perspetiva intradisciplinar verificam-se as seguintes possibilidades de articulação:

7.º Ano/Unidade Letiva	Ciclo de Ensino	Ano/Unidade Letiva
UL 2 – As Religiões	1.º ciclo	1.ºano - Unidade Letiva 2 – Jesus Nasceu 2.ºano - Unidade Letiva 3 – A Páscoa dos Cristãos

¹⁴⁷ “As Aprendizagens Essenciais são documentos de orientação curricular base na planificação, realização e avaliação do ensino e da aprendizagem, e visam promover o desenvolvimento das áreas de competências inscritas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Tendo sido construídas a partir dos documentos curriculares existentes, as AE são a base comum de referência para a aprendizagem de todos os alunos, isto é, o denominador curricular comum, nunca esgotando o que um aluno tem de aprender. Desta forma, constituem-se, a par com o Perfil dos Alunos, como o referencial para a avaliação externa.” DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO, *Aprendizagens Essenciais*, <https://dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>, consultado a 09.09.2020.

		2.ºano - Unidade Letiva 4 – Deus é Amor 3.ºano - Unidade Letiva 3 – Diálogo com Deus 4.ºano - Unidade Letiva 4 – A Bíblia
	2.º ciclo	6.ºano - Unidade Letiva 2 – Jesus, um Homem para os outros
	3.º ciclo	8.ºano - Unidade Letiva 2 – O Ecumenismo 9.ºano – Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério
	Secundário	Unidade Letiva 1 – Política, Ética e Religião Unidade Letiva 5 – A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo Unidade Letiva 7 – Ciência e Religião

Este projeto poderá surgir como um projeto interdisciplinar, de acordo com os domínios de autonomia curricular (DAC)¹⁴⁸. Ao definir este projeto, foram tidos em consideração os seguintes aspetos: articulação disciplinar, trabalho colaborativo e valores de cidadania.

Deus Não tem Cor – Uma viagem ao Mundo das Religiões		
Produto final	Objetivo	Áreas de competências do Perfil dos Alunos¹⁴⁹
- Realização de uma semana intercultural, tendo esta uma	- Despertar nos alunos uma compreensão mais	A B C D E F G H I

¹⁴⁸ Decreto-Lei n.º 55/2018, Artigo 9.º. “Os domínios de autonomia curricular (DAC) constituem uma opção curricular de trabalho interdisciplinar e ou articulação curricular, cuja planificação deve identificar as disciplinas envolvidas e a forma de organização. O trabalho em DAC tem por base as Aprendizagens Essenciais com vista ao desenvolvimento das áreas de competências inscritas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Os DAC, numa interseção de aprendizagens de diferentes disciplinas, exploram percursos pedagógico-didáticos, em que se privilegia o trabalho prático e ou experimental e o desenvolvimento das capacidades de pesquisa, relação e análise”.

¹⁴⁹ A – Linguagens e textos; B – informação e comunicação; C – Raciocínio e resolução de problemas; D – Pensamento crítico e pensamento criativo; E – Relacionamento interpessoal; F – Desenvolvimento pessoal e autonomia; G – Bem-estar, saúde e ambiente; H – Sensibilidade estética e artística; I – Saber científico, técnico e tecnológico.

exposição com os trabalhos realizados dos alunos.	abrangente da história, da cultura e dos princípios inerentes às diferentes religiões e culturas.	
---	---	--

De modo a articular as diferentes disciplinas neste projeto deixamos aqui uma sugestão.

Disciplina	Contributo
EMRC	<ul style="list-style-type: none"> Levar os alunos numa viagem pelo Mundo à descoberta de seis grandes religiões, aprofundando cada uma delas, tendo como apoio o “Passaporte das Religiões”. Apoiar as outras disciplinas nos trabalhos a desenvolver.
História	<ul style="list-style-type: none"> Construir um friso cronológico (por exemplo, nos corredores da escola) desde o surgimento do Homem até à atualidade, com indicação dos acontecimentos históricos mais importantes de cada uma das religiões/culturas.
Geografia	<ul style="list-style-type: none"> Participar na construção do friso cronológico Construção de um Mapa das Religiões no Mundo, o qual estará exposto no início do percurso da “viagem”.
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> Calcular as distâncias entre as grandes divisões temporais da história da Terra (eras, idades, milénios, séculos, anos) considerando o comprimento total do friso cronológico, e auxiliar na marcação dos acontecimentos significativos, usando a noção de escala, em articulação com Geografia.
Educação Física	<ul style="list-style-type: none"> Pesquisar jogos, danças ou outras atividades físicas de cada uma das culturas/religiões e comparar com atividades praticadas em Portugal.

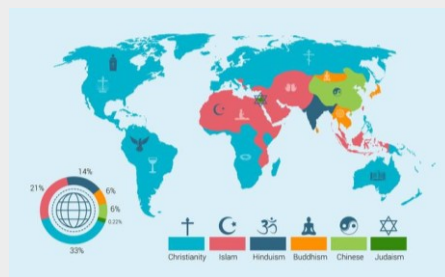



Figura 3 - Exemplo Mapa das Religiões

	<ul style="list-style-type: none"> • Replicar uma dessas atividades, atendendo às regras, aos movimentos, às estratégias, etc. • Organizar uma amostra, para divulgação na escola.
Tecnologias de Informação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Apoiar as disciplinas nos trabalhos a desenvolver. • Divulgar, através de uma página criada na plataforma da escola, as mensagens e os trabalhos das diversas disciplinas.
Educação Visual	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar património cultural e artístico de cada uma das religiões, com base nos conceitos de volume, cor, textura e ritmo. Reconhecer a sua influência no património cultural. • Construir fantoches de espuma e revesti-los de acordo com cada uma das religiões (trajes, símbolos, etnias, etc). Estes serão expostos ao longo dos corredores da escola de modo a dar a conhecer determinada religião.  <p><i>Figura 4 - Exemplo dos Fantoches de Espuma</i></p>
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar as informações recolhidas em Educação Visual, História, Educação Física e EMRC, e elaborar um guião com a informação a fornecer aos “turistas”. • Pesquisar sobre a origem e significado dos nomes de cada religião e lugares dos itinerários traçados e contribuir para o guião com essas informações.
Cidadania e Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa e elaboração de alguns trabalhos sobre os Direitos Humanos e a Liberdade Religiosa.

Conclusão

Terminada a análise das atividades desenvolvidas no contexto da PES, propomo-nos fazer, nesta ultima parte do nosso trabalho, uma reflexão acerca das nossas práticas nestes contextos, bem como aferir acerca da concretização dos objetivos a que nos propusemos atingir no início deste RFPEs.

Este Relatório é fruto de um percurso que se orientou pela busca dos contributos da arte na educação e para a disciplina de EMRC. Para além destas questões, muitas outras foram surgindo, tais como a identidade da disciplina, a importância do ensino religioso nas escolas e o valor da arte como caminho de transcendência.

A dimensão religiosa é uma das competências fundamentais nos jovens nos tempos atuais, sendo esta, uma dimensão fundamental para que estes consigam ler e entender o património cultural onde estão inseridos, podendo assim contribuir para um mundo cada vez mais perfeito. Atualmente sabemos que é necessário e fundamental para o bom desenvolvimento do aluno crescer em algumas dimensões que até então tinham sido pouco consideradas ou mesmo ignoradas. Nestas dimensões, está presente a dimensão religiosa/transcendente, a qual está relacionada com o cultivo da interioridade e até da espiritualidade, em sentidos muito amplos.

Não é uma tarefa óbvia e fácil justificar a presença da educação da dimensão religiosa no sistema público de ensino. Olhando para a sociedade atual, há que admitir que está em grande e constante transformação, ou seja, o que hoje é verdade amanhã poderá já não ser. Em poucos anos, a sociedade portuguesa transformou por completo o seu olhar para o religioso, o que faz com que hoje já não aceite tão bem a sua presença. Devido a esta mudança em relação ao aspeto religioso, muitas são as pessoas que defendem que o religioso não deve ter presença na escola. Contrariar a presença do ensino religioso na escola, é combater contra a própria legislação, que

defende que a escola tem como objetivo a formação integral do aluno, no qual se insere também o religioso.

Para dar legitimidade à disciplina, esta terá que promover a descoberta de chaves para uma interpretação da experiência religiosa, de forma a abrir à possibilidade de diversas respostas. A disciplina deverá também dar chaves para proporcionar aos alunos a possibilidade de compreender o encontro com Deus, com o religioso, que implica igualmente sensibilizar para a alteridade e para a capacidade de assumir compromissos com o mundo.

Em contexto escolar os conteúdos da fé não subsistem por si como verdades alternativas ou concordantes com as restantes áreas do saber. Torna-se, por isso, necessário criar então uma via que seja eficaz para os apresentar e compreender. A arte, nomeadamente o património cultural, surge como uma possível via de transmissão religiosa no contexto escolar, mais concretamente, nos itinerários formativos de EMRC. Tendo isto presente é importante refletir no papel da arte neste processo de transmissão religiosa e cultural.

Devemos compreender a arte como um fenómeno, através do qual o ser humano experimenta a sua situação de ser possuído pelo mistério, onde o seu espírito se eleva, se deixa tocar e até se converte. A arte surge assim como um universo intimamente ligado e próximo da religião. Através da qual é possível apontar um sentido na descoberta de novos mundos, de novas culturas e de novas experiências religiosas e transcendentais.

A educação pela Arte ajuda no desenvolvimento reflexivo, crítico e criativo, amplia o conhecimento e as formas de aprender e ver a realidade de diferentes ângulos. Assim a disciplina de EMRC pode ver na arte uma preciosa ajuda, tanto na sua capacidade de ser símbolo, na sua capacidade de transmitir e educar na fé, como também na sua capacidade de interpelar e por questões no interior do coração humano para assim os encaminhar na compreensão da experiência religiosa. A arte deve de ajudar a disciplina nesta missão de

inquieta e pôr o Homem a caminho dos seus anseios mais profundos em contato com a mensagem cristã.

No final deste Relatório, há que referir que acreditamos que este trabalho constituiu um elemento essencial na nossa formação, pois é através do processo de ação e reflexão acerca das nossas práticas que as mesmas poderão ser melhoradas e tornarem-se significativas no futuro, aspeto que virá a refletir-se nas aprendizagens dos nossos futuros alunos. Este no fundo é o objetivo de todo este Relatório – ajudar a enriquecer o Programa da EMRC que se desenvolve a favor dos alunos.

Bibliografia

Documentos do Magistério da Igreja

- BENTO PP. XVI – *Discurso por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina*, 2009.
https://www.snpcultura.org/pcm_bento_xvi_artistas_1.html, consultado a 26/07/2020
- *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2010.
- CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*,
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html, consultado a 17.08.2020.
- CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Sagrada Liturgia (Sacrosanctum Concilium)*,
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html, consultado a 17.08.2020.
- FRANCISCO, PP., *A Alegria do Evangelho*, Paulus, Lisboa, 2013.
- JOÃO PAULO PP. II, *Carta aos Artistas*, Paulinas, Lisboa, 1999.
- PAULO PP. VI, *mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos artistas*, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html, consultado a 07.08.2020.

Documentos curriculares

- MARTINS, G. O. (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, Lisboa, 2018.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual de Educação Moral e Religiosa Católica, Unidade Letiva 05, A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo*, Lisboa: SNEC, 2015.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*, Gráfica Almondina, Lisboa, 2007.

Estudos e monografias

- AMBROSIO, J., *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, Documento não publicado para uso dos alunos da disciplina de Didáticas Específicas de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017.
- ANTUNES, José Paulo, *Estética, culto e religião: o paradoxo da música: novas músicas! Novos cultos! Nova religião?* - Humanística e Teologia. ISSN 0870-080X. Tomo XXIV, Fas. 3,2003, p.461-472.
- ARENDS, R., *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008.
- BORGES, A., “Religião, religiões e diálogo inter-religioso”, in *Revista Portuguesa de História*, Instituto de História Económica e Social, Faculdade de Letras, Coimbra, 40 (2009) 9-44.
- CARDOSO, I. M. A., *Encarnação e Imagem*, Paulus, Lisboa, 2015.

- CARVALHO, C. de S., “A experiência religiosa dos adolescentes”, in *Theologica*, 45, Braga, 2010, 411-433.
- CHAPPIN, M., “Valor eclesial dos bens culturais da Igreja”, in *Communio*, 1 (1996) 10-22.
- COELHO DIAS, G. J. A., *Religião e Simbólica, O sonho da Escola de Jacob*, Granito, Editores e Livreiros, Lda, Porto, 2001.
- DUCH, L., *Religión y mundo moderno, Introducción al estudio de los fenómenos religiosos*, PPC,, Madrid, 1995.
- DUQUE, E., *Mudanças culturais Mudanças Religiosas. Perfis e tendências da Religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*, Húmus, V. N. Famalicão, 2014.
- DUQUE, J., “A Arte como Teologia. Sobre alguns textos de Karl Rahner”, in *Theologica*, 1 (1995) 139-153.
- DUQUE, J., “Arte como Transcendência – Breve leitura de Gadamer”, in *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, 3/4 (2003) 73-81.
- DUQUE, J., “Evangelização e mutação cultural. Apologia da cultura táctil”, in *Theologica*, 1 (2001) 15-36.
- DUQUE, J., “Fé e arte”, in *Brotéria*, 5/6 (2001) 445-464.
- FISCHER, E., *A Necessidade da Arte*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983.
- FRIETAS, M. B. da C., “À imagem e semelhança de Deus: um tema de antropologia agostiniana”, in *Didaskalia*, 1 (1980) 21-34.
- FUMET, S., “O Homem e a Arte”, in *O Que é o Homem?*, Porto: Edições Itinerário, 1956.
- GHARIB, Georges. *Os ícones de Cristo: história e culto*, Paulus, São Paulo 1997.

- GODINHO, C. A. da G., “Evangelizar pela arte”, in *Theologica*, 1-2 (2018) 69-78.
- IGUANCEN, D., “Património Cultural da Igreja – Questões e exigências”, in *Communio*, 1 (1996) 33-39.
- LEROY, A., *Nascimento da arte cristã: do início ao ano mil*. Trad. Rose Marie G. Muraro, Flamboyant, São Paulo, 1960.
- LINDA, M., “O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho”, in *Pastoral Catequética revista - de catequese e educação* 31/32 (2015) 107-119.
- MARTINS, A., “As formas do espírito: espiritualidade, teologia e arte”, in *Theologica*, 2 (2010) 297-312.
- MARTINS, A., *Protologia*, Documento não publicado para uso dos alunos da disciplina de Protologia, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2007.
- MONDIN, B., *O Homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica*, Paulus, São Paulo, 2015.
- PAES, S., “As Artes em relação com a Experiência Cristã”, in *Communio*, 4 (1996) 357- 366.
- PEREIRA COUTINHO, J., “Religião e outros conceitos”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 24 (2012) 171-193.
- POLICARPO, J., “Cultura, escola e religião”, in *Pastoral Catequética revista de catequese e educação*, 31/32 (2015) 17-27.
- PORTELA, B. de O. S., “O conceito de símbolo em Tillich e Jung” – in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 18-19 (2013) 373-386.
- RAHNER, K., *Curso fundamental sobre la fe: Introducción al concepto de cristianismo*, Editorial Herder, Barcelona, 1979.
- READ, H., *Educação pela Arte*, Edições70, Lisboa, 1982.

- REIS, F. A. G., *Avaliação do Desempenho e Identidade Profissional Docente*. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Universidade do Porto, 1999.
- RODRIGUES, D., *Sociologia da Religião, Uma Introdução*, Edições Afrontamento, Porto, 2007.
- RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Imagen de Dios, Antropología Teológica Fundamental*, Sal Terrae, Cantabria, 1984.
- SCOMPARIM, A., *A Iconografia na Igreja Católica*, Paulus, São Paulo, 2008
- SOUSA, A., *Educação pela arte e artes na educação – Bases Psicopedagógicas*, 1º volume. 1ª Edição, Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- TEIXEIRA, A., *Património Religioso e Transmissão Cultural*, Documento não publicado para uso dos alunos da disciplina de Património Religioso e Transmissão Cultural, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016.
- TERRA, Domingos. “Experiência transcendental e existência concreta: Explorando o pensamento de Karl Rahner”, in *Didaskalia*, 1 (2007) 177-196.
- THOMAZ, L. F., “Beleza divina e arte cristã – Apontamento”, in *Communio*, 1 (1996) 7-9.
- VARANDA, I., “Multiculturalidade e diversidade religiosa. Novos Desafios para a escola e as religiões”, in *Communio*, 4 (2006) 391-402.

Webgrafia

- ALDAZÁBAL, J., *Sinal (símbolo)*, in *Dicionário Elementar de liturgia*, http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=421, consultado a 17.08.2020.

- BERNARDES, L., BLATTMANN, U., BORGES, I., *A arte-educação como intervenção psicológica*, <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/398/495>, consultado a 23.08.2020.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO, <http://agnusdei.50webs.com/trento30.htm>, consultado a 17.08.2019.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, nº6. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html consultado a 10.07.2020
- DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO, *Aprendizagens Essenciais*, <https://dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>, consultado a 09.09.2020.
- FRANCISCO PP., *Discurso do Papa Francisco aos "patrons of the arts" dos Museus do Vaticano*, 2018, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco_20180928_patrons-museivaticani.html consultado a 10.08.2020.
- VERDON, T., *O sacerdote e a arte sacra*, www.clerus.org/clerus/dati/2009-07/22-13/II_sacerdote_e_arte_sacra_pt.html, consultado a 04.03.2019.

